



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E HUMANIDADES



ANA FLÁVIA COELHO SOFFIATI

***“Com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades”:***

**O imaginário do Herói com crianças de 6 a 8 anos**

Trabalho de Conclusão de Curso de  
Educação Física. Faculdade de Educação  
Física (FEF) - Universidade Estadual de  
Campinas (Unicamp).

Campinas

2020

ANA FLÁVIA COELHO SOFFIATI

***“Com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades”:***

**O imaginário do Herói com crianças de 6 a 8 anos**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Graduação da Faculdade  
de Educação Física da Universidade  
Estadual de Campinas para obtenção do  
título de Bacharela em Educação Física.

**Orientadora: Elaine Prodócimo**

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE A VERSÃO  
FINAL DA MONOGRAFIA DEFENDIDA PELA  
ALUNA: ANA FLÁVIA COELHO SOFFIATI E  
ORIENTADA PELA PROF<sup>a</sup>. DRA. ELAINE  
PRODÓCIMO.

---

Campinas  
2020

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Educação Física  
Dulce Inês Leocádio - CRB 8/4991

So23c Soffiati, Ana Flávia Coelho, 1994-  
"Com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades": o imaginário do herói com crianças de 6 a 8 anos / Ana Flávia Coelho Soffiati. – Campinas, SP : [s.n.], 2020.

Orientador: Elaine Prodócimo.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Herói. 2. Crianças. 3. Imaginação. I. Prodócimo, Elaine. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: "With great powers, comes great responsibility": the imaginary of Hero with children between the ages of 6 and 8 years

Palavras-chave em inglês:

Hero

Children

Imagination

Titulação: Bacharel

Banca examinadora:

Elaine Prodócimo

Júlio César Rodrigues

Data de entrega do trabalho definitivo: 20-08-2020

**COMISSÃO JULGADORA**

A handwritten signature in blue ink, reading "Elaine Prodócimo", written in a cursive style. The signature is positioned above a horizontal line.

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elaine Prodócimo

**Orientadora**

A handwritten signature in blue ink, consisting of several overlapping loops and a horizontal line extending to the right. The signature is positioned above a horizontal line.

Prof. Me. Júlio César Rodrigues

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta obra aos de alma aventureira e às mulheres, Mães e Natureza, de todos os tempos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus, meu Pai Celestial, meu Senhor, o primeiro arquétipo criativo e que inspira os demais. Obrigada, meu Pai, por me permitir fazer parte dos teus planos! Obrigada por mais uma conquista!

Agradeço a minha mãe, Denise, que sempre compartilhou comigo uma visão mais doce sobre a vida e foi paciente e atenciosa para minhas preocupações desde que me conheço por gente. Obrigada por demonstrar que o Amor é a força maior para enfrentar este mundo! Você é luz, raio de sol... Meu iaiá meu ioiô (haha). Obrigada!

Agradeço meu pai, João, pelo exemplo da persistência e dedicação no trabalho.

Agradeço a Ziza, minha irmã de carne e de espírito, por mostrar o quão forte e o quão necessário são as emoções para se aventurar nesta vida. Obrigada, Ziza, pelas risadas e por sua paixão pela música que tanto comove!

Agradeço ao Juan, meu amigo, meu consolador, meu companheiro, meu amor, pelo carinho e dedicação desde a muito tempo. Obrigada por lutar por aquilo que te traz significado, por acreditar nos valores e nas pessoas, mesmo quando o caminho mais fácil é desistir delas. Obrigada por ser espirituoso e por me tornar uma pessoa melhor! Obrigada por estar presente na minha vida!

Agradeço a Jolie e a Pepe (Penélope), cachorra e gata, respectivamente, porque essas Pet's me fazem sorrir e enxergar a felicidade nos pequenos detalhes.

Agradeço, imensamente, minha orientadora Elaine Prodócimo por aceitar embarcar junto nesta aventura de tema tão profundo e denso. Obrigada por sua dedicação, por suas correções e comentários, obrigada por ser uma professora que me faz ter vontade de desbravar o desconhecido! Muito obrigada, de coração!

Agradeço aos meus amigos e às minhas amigas da Graduação que muito me apoiaram, me fizeram rir, me consolaram, enfim, deixaram muito mais divertida essa saga de “ser alguém na vida”. Obrigada pelas brincadeiras, pelos trabalhos e ideias realizadas em conjunto, pelos almoços no bandeco, por tudo!

Agradeço aos amigos e amigas de fora da Graduação que, apesar de não estarem presentes comigo durante a semana, sempre estiveram no meu coração! Em especial, quero agradecer minha amiga Mariana (conheci em uma oportunidade de estágio em Limeira) que é carregada de vida e reflete a luz da Verdade! Obrigada, Mariana! Você é linda por dentro e por fora!

Agradeço aos docentes, funcionários e outros(as) colaboradores(as) presentes na FEF, os quais fizeram parte do meu processo de Graduação para a vida profissional e, mais importante, acrescentaram para minha formação reflexiva sobre a escola da vida. Aqui cabe uma atenção especial aos docentes Sérgio Settani Giglio, Paula Teixeira Fernandes, Odilon José Roble, João Paulo Borin, Edivaldo Góis Junior e aos funcionários Beeroth e Gera que sempre estavam prontos a ajudar e a demonstrar uma perspectiva positiva com um sorriso no rosto.

Agradeço à minha amiga Mônica, companheira de carona e das corridas de rua, canceriana raiz e conversadeira que só. Obrigada pelas conversas, pelo apoio e momentos inesquecíveis! Continue sendo essa pessoa maravilhosa!

Agradeço aos lugares e pessoas que tiveram participação e influência no estágios que atuei. Obrigada, Equipe New Life! Obrigada Niltinho e André! Obrigada, Núcleo Nova Vida! Obrigada e uma atenção especial às profissionais Flávia Araújo Pelisson, Juliana e Professora Ana! Obrigada, Equipe AINDA! Obrigada e um carinho forte à Dayse, Gisele e ao professor Marcelo.

De uma maneira geral, gostaria de agradecer a Unicamp de Campinas, lugar onde pude passar por diversas experiências e momentos que jamais poderei esquecer. Acredito que a educação é o rumo para tornar os indivíduos conscientes de suas potencialidades e cuidado para com o próximo. Meu desejo é de que, assim como pude

ter acesso e a oportunidade de ter um ensino de qualidade, mais pessoas possam ter essa possibilidade.

E, por último, mas não menos importante, quero agradecer às mulheres que fizeram parte do meu crescimento para enxergar que força, não é sinônimo de brutalidade ou esforço, mas está na resiliência, na espera e no cuidado para com os filhos e filhas desta terra. Muito obrigada, mulheres! Aqui quero dar uma atenção especial a minha professora do pré-primário, Maria Rita, que me estimulou e deu espaço para imaginar e nunca parar de sonhar.

SOFFIATI, Ana Flávia C. **“Com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades”**: O imaginário do Herói com crianças de 6 a 8 anos. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2020.

## RESUMO

Este estudo teve como objetivo identificar as representações da figura do Herói por meio do imaginário de crianças entre as idades de 6 e 8 anos que frequentam uma instituição filantrópica na cidade de Limeira, SP. Além disso, analisar uma proposta pedagógica com a finalidade de um olhar reflexivo e crítico sobre a realidade da figura do Herói. Sabe-se que a temática do Herói tem aparecido com frequência em filmes, livros, brinquedos e mídias em geral, tornando-se, então, uma possível abordagem para trabalhar com as crianças o processo de auto análise e identificação. Para isso, foi realizada pesquisa qualitativa descritiva por meio de proposta de intervenção de aula em uma turma de uma instituição filantrópica da cidade de Limeira durante o período de agosto à outubro de 2019, totalizando 10 aulas. Estas foram documentadas e registradas através de diários de campo e da utilização de fotografias e filmagens. Depois, esses registros foram analisados e classificados nas seguintes categorias: 1. Visão das crianças sobre o Herói; 2. Afeto e carinho; 3. Heróis e superpoderes; 4. O Herói perto de nós. Para as análises e comentários de cada categoria foram utilizados estudos e artigos referentes ao tema; a obra “O Herói de mil faces” (2004) do mitólogo Joseph Campbell; percepções e relações da pesquisadora em questão. Assim, o estudo serviu para demonstrar que é possível o trabalho de valores, da ética e reflexão para as escolhas presentes na vida dos(as) alunos(as), por meio da (re)construção da figura do Herói de elementos externos – realidade/intermediação em sala de aula – e internos – do próprio imaginário.

**Palavras-chaves:** herói; crianças; imaginação.

SOFFIATI, Ana Flávia C. **“Com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades”**: O imaginário do Herói com crianças de 6 a 8 anos. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2020.

### **ABSTRACT**

This study aimed to identify representations of the Hero figure through the imaginary of children between the ages of 6 and 8 years that attending a philanthropic institution in the Limeira city, SP. Besides that, analyze a pedagogical proposal for the purpose of a reflective look and critical about the reality of the Hero figure. Frequently, the Hero's theme has been popular and appeared frequently in films, books, toys and media in general, becoming then, a possible approach to work with children the process of self-analysis and identification. For this, a descriptive qualitative research was carried out through a class intervention proposal at a philanthropic institution during the period of August to October 2019, totaling 10 classes. These classes were registered by field diaries, using photographs and footage. After that, these records were analyzed and classified in the following categories: 1. Children's view of the Hero; 2. Affection and care; 3. Heroes and super powers; 4. The Hero near us. For analysis and comments of each category were used studies and articles related to the theme; the work "The Hero of a thousand faces" (2004) of the mythologist Joseph Campbell; perceptions and researcher's relations from this study. Thus, the study served to demonstrate that is possible the work of values, ethics and reflection for choices present in the students' lives through the (re)construction of the Hero figure of external elements – reality/intermediation in the classroom – and internal – from imaginary.

**Keywords: Hero; children; imagination.**

## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| <b>Figura 1</b> – Atividade de imaginação por meio do desenho.....                     | 32 |
| <b>Figura 2</b> – Atividade de expressão corporal na dança.....                        | 36 |
| <b>Figura 3</b> – Desenho da representação das pessoas significativas e especiais..... | 42 |
| <b>Figura 4</b> – Desenho sobre representação de si .....                              | 42 |
| <b>Figura 5</b> – Máscara da personagem “Mal” .....                                    | 53 |
| <b>Figura 6</b> – Heróis criados pelas crianças 1 .....                                | 55 |
| <b>Figura 7</b> – Heróis criados pelas crianças 2 .....                                | 56 |

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO.....                                 | 11 |
| 2 MÉTODO .....                                    | 22 |
| 2.1 Participantes .....                           | 24 |
| 2.2 A instituição .....                           | 28 |
| 2.3 Procedimentos .....                           | 30 |
| 2.3.1 Organização das informações coletadas ..... | 33 |
| 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....                    | 35 |
| 3.1 Visão das crianças sobre o Herói .....        | 35 |
| 3.2 Afeto, carinho... Sentimentos! .....          | 41 |
| 3.3 Heróis e superpoderes.....                    | 50 |
| 3.4 O Herói perto de nós .....                    | 56 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                      | 62 |
| REFERÊNCIAS .....                                 | 65 |
| ANEXOS.....                                       | 68 |
| Anexo 1 .....                                     | 68 |
| Anexo 2 .....                                     | 70 |
| Anexo 3 .....                                     | 75 |

## 1. INTRODUÇÃO

Então, o que vocês vão preferir, a procura pelo Graal ou a terra devastada? Vão embarcar na busca criativa da alma ou prosseguir em uma vida que lhes dá apenas segurança? Vão seguir a estrela ardorosa, do seu próprio entusiasmo? Vão viver o mito ou será que é o mito que vai vivê-los? (CAMPBELL, 2003, p. 17).

É com estas palavras que Campbell resume a jornada de vida pela qual todo ser humano imerge: Quem sou eu? Quais os propósitos aos quais estou destinado e/ou obstinado a seguir? No intuito de responder e entender essas perguntas, a mitologia surgiu, junto à história da humanidade, com a finalidade de representar e perpetuar esses e outros questionamentos sobre a vida. O caráter universal dos mitos<sup>1</sup> é resultado de sua estrutura, a qual carrega metáforas e figuras alegóricas que exploram o papel do ser humano, tanto na perspectiva espiritual, quanto para com a realidade.

Com isso em mente, compreende-se que os mitos carregam sentidos profundos, os quais buscam retratar questões atemporais e a relação entre mundo e ser humano, além de sua descoberta interior. Segundo Chatack (2017), o mito seria uma espécie de metáfora, a qual teria uma mensagem importante no sentido de orientar aquele que deseja entender o mundo como algo a mais que físico.

Sendo assim, é comum aparecer a figura do Herói nos mais variados mitos. Este personagem, muito mais do que lutar pelos seus ideais, enfrenta aventuras, combate inimigos, sofre mudanças externas e internas para, de fato, existir no mundo e ser consciente e espiritualmente pleno. Para tanto, Campbell (1990) afirma que a figura do herói está associada a um ser que se encontrou e “sacrifica-se” por algo maior do que ele mesmo; portanto, o seu encontro é com o espiritual/inexplicável/invisível.

---

<sup>1</sup> O termo Mito, dentro da psicologia junguiana, pode ser definido como uma narrativa tradicional com predominância explicativa e/ou simbólica de modo a associar-se a uma cultura e/ou religião. O mito surge com a finalidade de explicar os principais acontecimentos da vida; fenômenos naturais; origens do Homem e da Mulher por meio de deuses, semi-deuses, Heróis e outros do gênero (GOMES, 2009, v.1).

Os mitos, bem como os heróis presentes em seu enredo, formam um conjunto para tratar sobre as grandes questões da vida e da morte, mas não se restringem somente ao abstrato. Tais histórias estão entrelaçadas à estrutura social e aos valores de uma sociedade, registrando arquétipos<sup>2</sup> sobre a família, o relacionamento afetivo e amoroso, a lei e a ordem, e outros aspectos como a culinária, a caça, a agricultura e as histórias de determinado povo (WILKINSON, 2008).

Os mitos também envolvem os contos-de-fadas, muito em alta entre as crianças e os jovens, que permeiam a mitologia do Herói. Assim, se utilizados com propósito de análise, podem servir para a propagação dos arquétipos. Desta forma, a participação e posterior reflexão sobre os contos, adquire caráter de formação da pessoa como um todo. A compreensão do mundo da fantasia conjuntamente à mitologia permite o desenvolvimento da auto compreensão (POMINI et al, 2017).

Segundo essa mesma autora faz parte da busca pessoal sentir-se singular, único, nos diferentes grupos sociais, no coletivo, revelando que, para isso, é necessário o mergulho dentro de si, apesar dos medos e desafios, para enfrentar nossas lutas e “monstros assombrosos”. Tal introspecção deve partir de cada indivíduo durante os desígnios e surpresas da vida.

Na História verifica-se que várias civilizações utilizavam mitos para compor o cenário de sua época, e tratavam dos ciclos naturais e sociais a que estavam sujeitos, da passagem e desafios que seus indivíduos estavam destinados para atingir a maturidade. Embora com certa penumbra, os mitos e a sua transmissão estão presentes entre as diferentes culturas dentro deste contexto de globalização. Exemplos disso são: as manifestações ritualísticas em cultos, missas, reuniões relacionadas ao aspecto religioso; a exaltação de valores que estão registrados em narrativas jornalísticas; programas e mídias em geral relacionadas ao campo do lazer e a ideia de mercado. Esse

---

<sup>2</sup> De acordo com o psicólogo suíço Carl Jung (1998), o termo arquétipo se refere a padrões de comportamento de uma mesma imagem. Por isso, ainda que não tecnicamente, é possível intuir e classificar personagens como Batman, Homem-aranha, Mulher Maravilha, entre outros, referindo-se a uma mesma figura que, no caso, é o Herói.

último ponto se revela fundamental para compreender a mitologia vigente: a valorização do sucesso, profissional e/ou financeiro.

Em nossa sociedade, as estruturas míticas estão fortemente presentes na imagem e nos comportamentos que são impostos às pessoas através da mídia (...). As personagens das histórias em quadrinhos trazem presentes em seus desenhos e em seus diálogos os heróis mitológicos ou folclóricos (SELEPRIN, 2016).

São livros, filmes, noticiários, informações, entre outras veiculações, que resultam na percepção, produção e reprodução de símbolos, imagens, mitos e arquétipos pelo Homem e, então, esse conjunto de elementos formaria o chamado “imaginário”. Conforme o antropólogo Gilbert Durand, o imaginário pode ser concebido como “um museu” que possui *as imagens passadas, possíveis, produzidas e a produzir*, nas suas diferentes modalidades da sua produção, pelo *homo sapiens sapiens*. O imaginário consiste, portanto, em um pluralismo das imagens, e uma estrutura organizada desse conjunto de imagens diferentes entre si, tais como: ícone, símbolo, emblema, alegoria, imaginação criadora ou reprodutiva, sonho, mito, delírio e outros (ARAÚJO, 2009).

Por conta do fácil e rápido acesso a essas informações, muitas crianças e jovens têm nutrido suas questões internas, ou mesmo deixado de pensar a respeito, baseando-se no conteúdo dos programas, personagens, entre outros, que são captados por seus sentidos. Em uma entrevista entre Bill Moyers, jornalista, e Joseph Campbell, o autor do livro “O herói de mil faces”, este deixa claro que hoje, quando se pergunta sobre o que gostaria de ser, muitas crianças reverenciam celebridades, e mais, almejam alcançar fama sem mencionar o desejo por realizar alguma contribuição benéfica para a sociedade (CAMPBELL, 2013).

Gomes (2009, p. 2) expressa que a falta da procura de referenciais e a “esterilização crescente da imaginação” impede os sujeitos de enxergarem o mundo em sua totalidade, causando o vazio existencial. Ainda, este mesmo autor destaca que a sociedade atual é pobre para com a propagação e a valorização da instrução mítica dos jovens que acabam por encontrar dificuldades de trilhar o seu caminho, resultando em homens e mulheres infelizes dentro de uma sociedade perdida de sentidos.

**Moyers:** Mas uma sociedade precisa de Heróis?

**Campbell:** Sim, penso que sim.

**Moyers:** Por quê?

**Campbell:** Porque ela tem necessidade de uma constelação de imagens suficientemente poderosa para reunir, sob uma mesma intenção, todas essas tendências individualistas.

**Moyers:** Para seguir algum rumo.

**Campbell:** Penso que sim. A nação necessita, de algum modo, de uma intenção, a fim de atuar como um poder uno.

(CAMPBELL, 2013)<sup>3</sup>

Apesar do assunto “Herói” encontrar-se em alta, o seu entendimento e assimilação é um processo antigo. O mitólogo Joseph Campbell deixa clara essa questão ao passar a vida reagrupando mitos e contos, o que o levou a descobrir que estes tratam sobre os mesmos assuntos e que o protagonista de todas as histórias acaba sendo o mesmo: o Herói.

De maneira genérica, o Herói é aquele que deve guardar e velar, anulando seus interesses pessoais para servir às necessidades da sociedade. Por isso, o Herói coloca os assuntos coletivos acima de seus próprios, lutando por um ideal, um mundo justo, onde o bem-comum se torne superiormente estabelecido. Nesse pensamento, é fácil encontrar os Heróis apregoados em programas, em contos e histórias, uma vez que há mediações que promovem essa visão para os telespectadores/ouvintes. No entanto, dentro desta mesma definição de Herói, estão contidas pessoas do contexto real. São aqueles e aquelas que: lutam pela nação, executam papéis sociais com a finalidade de beneficiar organizações/grupos/pessoas ou mesmo que apresentam cuidado e olhar atento ao próximo. Por conseguinte, vislumbram-se vários Heróis coexistindo no mundo sensorial, ou seja, na realidade.

É por conta deste contexto que as autoras Chatack (2017) e Morais (2004) propõem a utilização da figura do Herói como forma de auxiliar no processo de formação e desenvolvimento de estudantes; afinal, se os mitos sobreviveram até hoje, porque não

---

<sup>3</sup> Entrevista entre Bill Moyers e Joseph Campbell, extraída do livro “A jornada do Herói – Joseph Campbell – Vida e obra”, 2013.

utilizar a educação e a relação professor(a)-estudante para perpetuar as metáforas da vida?

Aprofundando o assunto com crianças e jovens, a figura do Herói pode ser construída em sala de aula com os(as) estudantes de modo a relacionar-se com seu cotidiano; ou seja, os(as) Heróis(íνας) não se tratariam apenas de personagens fictícios, mas também fariam parte da nossa realidade. Para isso, a mediação do(a) professor(a) se revela fundamental para a construção de uma visão abrangente e apurada sobre a figura do Herói. Conforme a autora Moraes (2004), o conceito de Herói pode ser cunhado e visto em referências tais como a família e/ou pessoas próximas com quem os(as) estudantes têm contato e sentem apoio, segurança, confiança e admiração. São aquelas pessoas que lutam dia-a-dia, não desistindo da vida, e viabilizando o seu brilho, bem como a favorecer a vida de outras pessoas ao lhes dar segurança e perspectiva de sentido(s) futuro(s).

Tendo em mente estes conceitos, bem como a importância dos mitos na educação dos sujeitos, suscitam-se alguns questionamentos: qual(is) as representações de Heróis de crianças? Será possível trabalhar com a figura do Herói em contexto sócio-educativo? Como poderia ser desempenhado esse trabalho para que a visão das crianças atinjam referenciais mais amplos, além dos apresentados pela mídia?

Pensando nesses questionamentos, este estudo objetivou identificar as representações da figura do Herói por meio do imaginário de crianças entre as idades de 6 e 8 anos que frequentam uma instituição filantrópica na cidade de Limeira, SP. Além disso, analisar uma proposta pedagógica com a finalidade de um olhar reflexivo e crítico sobre a realidade por meio de jogos e brincadeiras e da figura do Herói.

### **O Herói de todos os tempos**

Em sua célebre obra “O Herói de mil faces” (2013), Campbell evidenciou, por meio de pesquisas e comparações de diferentes mitos, que existe uma sequência de ações típicas dos personagens popularmente conhecidos como Heróis (arquétipo do Herói). Ao considerar-se isso, personagens como Hércules da mitologia grega, Thor da mitologia nórdica, Homem-aranha e Viúva-negra (ambos provenientes da produtora

Marvel<sup>4</sup>), João e Maria (conto-de-fadas criado pelos Irmãos Grimm, Jacob Grimm, Audrey Daly), entre outros, estão relacionados e, apesar das diferenças, representam uma mesma essência quando se trata sobre a trajetória do(a) Herói(na). Essas personagens e mais uma porção de outras compõem o arquétipo<sup>5</sup> do “Herói”, sendo o “Herói mítico” aquele que segue o modelo antigo e clássico grego como é o exemplo do semi-deus Hércules<sup>6</sup> e, atualmente, o “Herói Marvel” referente aos personagens midiáticos e ao enfrentamento dos problemas comuns à sociedade contemporânea. Independente dessas classificações, o arquétipo do Herói ultrapassa os limites reais e está presente entre os mais diversos povos.

A partir desse conceito, podemos estudar o Herói enquanto uma figura arquetípica, a qual reúne os atributos necessários para superar de forma excepcional um problema de dimensão épica. Essa figura varia consoante a época e é marcado por uma projeção ambígua, representando, por um lado, a condição humana na sua complexidade psicológica, social e ética, e, por outro lado, transcende essa condição, representando facetas e virtudes (como fé, coragem e determinação) que o homem não consegue, mas que gostaria de atingir (GOMES, 2009).

Diante disso, pode-se considerar que ser Herói está atrelado a um processo, que requer a superação de interesses pessoais e a persistência, apesar dos obstáculos e

---

<sup>4</sup> A empresa Marvel Comics é uma editora americana de Histórias em Quadrinhos (HQ). Foi criada no começo da década de 30 por Martin Goodman. Originalmente, a Marvel Comics era conhecida como Timely Comics e fazia sucesso com histórias de faroeste. Com a introdução de personagens de apelo heroico como Tocha Humana e Namor, a empresa ganhou popularidade e notoriedade suficiente para ser destaque no setor de lazer e diversão. Os seguintes personagens classificados como Heróis são exemplos do sucesso da empresa Marvel: Capitão América, Homem de Ferro, Viúva-Negra, Hulk, Homem Aranha.

Extraído da página Infoescola, escrito por Antônio Gasparetto Júnior, link da página:

<https://www.infoescola.com/empresas/marvel-comics/>

<sup>5</sup> O termo Arquétipo é empregado por Carl G. Jung (“Os arquétipos e o inconsciente coletivo”, 1998) para nomear a forma imaterial à qual os fenômenos psíquicos tendem a se moldar. Seriam as tendências estruturais invisíveis do símbolo que criam imagens ou visões que correspondem a alguns aspectos da situação consciente. Para Jung, essas “imagens primordiais” surgem de uma repetição de uma mesma experiência ao longo das gerações e tendem a produzir a repetição e elaboração dessas mesmas experiências em sua geração (GOMES, 2009).

<sup>6</sup> Hércules ou Héracles, esta última denominação retirada da mitologia grega original, figura como o maior Herói da Grécia Antiga. Hércules era filho do deus Zeus com a humana Alcmena, filha do rei de Argos. Meio-homem e meio-deus, Hércules tinha uma grande força física e era amante de aventuras, sendo, popularmente lembrado por conseguir realizar 12 tarefas consideradas quase impossíveis para ser absolvido de uma culpa (WILKINSON, 2008).

desafios, em um caminho que trará iluminação para si e para os outros. Neste sentido, todos apresentam o potencial para seguir, cada qual, a “saga do Herói”; entretanto, para isso, é necessário exceder o plano dos sentidos e ter coragem para chegar ao destino de sua saga.

Sobre a “saga do Herói” o próprio Campbell deixa claro ser um processo no qual há um despertar do indivíduo para seguir rumo à ação por meio da aventura de se estar vivo e de fazer parte de algo:

**Campbell:** O importante é viver a vida em termos de experiência e, portanto, de conhecimento, do mistério intrínseco da vida e do seu próprio mistério. Isso confere à vida uma nova radiância, uma nova harmonia, um novo esplendor. Pensar em termos mitológicos ajuda-o a se colocar em acordo com o que há de inevitável neste vale de lágrimas. Você aprende a reconhecer os valores positivos daqueles que aparentam ser os momentos e aspectos negativos da sua vida. A grande questão é saber se você vai dizer, de coração, um sonoro sim ao seu desafio.

**Moyers:** A saga do Herói?

**Campbell:** Isso, a saga do Herói, a aventura de estar vivo.

(CAMPBELL, 1990, PG. 181)<sup>7</sup>

Gomes (2009) reforça que o Herói é transcendente à realidade quando coloca que o “heroísmo” é uma ação presente no imaginário e na moralidade popular, tais como as realizações de coragem e superação. Tais feitos inspiram modelos para diferentes povos e culturas, que podem ser classificados como figuras arquetípicas. Situações adversas de guerra, conflito e competição são excelentes para evidenciar a realização de marcos históricos e heroicos, pois, diante de cenários desse tipo, a inspiração heroica aparece como possibilidade para enfrentar situações adversas e buscar uma solução que demande um esforço extraordinário.

Com isso em mente, observa-se que o Herói se faz real e presente, apesar da ideia de suas capacidades e poderes se apoiarem na abstração. No caso da sociedade, torna-se Herói aquele(a) que muda e/ou impacta o cenário à sua volta, trazendo boas-

---

<sup>7</sup> Entrevista entre Bill Moyers e Joseph Campbell a respeito da “saga do Herói”.

novas e ajuda para os que precisam, bem como transformação de si, processo gerado pela autodescoberta.

Campbell estabelece estágios da jornada do Herói, cuja primeira tarefa é retirar-se da cena mundana e iniciar uma jornada pelas regiões causais da psique (onde residem as dificuldades) a fim de tornarem claras as dificuldades. A segunda tarefa é, por conseguinte, retornar ao nosso meio, transfigurado e ensinar a lição de vida renovada que aprendeu. A aventura do Herói é, antes de qualquer coisa, uma tarefa de autodescoberta e de autodesenvolvimento (GOMES, 2009).

No enxerto anterior, Campbell menciona explicitamente sobre o “Herói mítico”, ou seja, o Herói clássico que escolhe se aventurar e é transformado durante essa jornada. Apesar das diferenças, o “Herói Marvel” pode até não optar por imergir rumo a algum lugar, mas, uma vez inserido na sociedade e dotado de capacidades especiais, o “Herói Marvel” passa a realizar escolhas conscientes que possam mudar o seu meio e que, portanto, também o transformam.

Para ser Herói é necessário entender que outros já escolheram atuar como tal arquétipo, rumando a um caminho consciente e de responsabilidades. Assim, muito do que se conquistou e muito do que se vive é o resultado de acumulações de feitos, grandes ou pequenos, que, quando somados, permitem o entendimento do contexto atual e da sociedade como um todo. Portanto, há muito o que descobrir e mudar, mas, para isso, é necessário que o indivíduo desperte uma combinação entre consciência e sentido para aventurar-se “na jornada”. De acordo com Campbell (2013) e, exatamente conforme suas palavras:

Além disso, não precisamos correr sozinhos o risco da aventura, pois os heróis de todos os tempos a enfrentaram antes de nós. O labirinto é conhecido em toda a sua extensão. Temos apenas de seguir a trilha do herói, e lá, onde temíamos encontrar algo abominável, encontraremos um deus. E lá, onde esperávamos matar alguém, mataremos a nós mesmos. Onde imaginávamos viajar para longe, iremos ter ao centro da nossa própria existência. E lá, onde pensávamos estar sós, estaremos na companhia do mundo todo. (CAMPBELL, 2013, p. 137).

Sendo assim, compreende-se que cada um pode assumir o papel de Herói e que, para que isso ocorra, é necessária uma submersão em si mesmo. Ao enfrentar obstáculos e aventuras, o sujeito se cria, molda-se, transforma-se, de modo a atingir a(s)

resposta(s) ao que todo homem e mulher se pergunta: sobre sua existência; sobre seguir um caminho que lhe dê sentido(s). Durante a saga é possível identificar seres e objetos que nos movem em direção ao caminho para enfrentarmos os desafios presentes na vida. Também, há reflexões sobre o porquê de nossas ações e sobre motivações “maiores” ou espirituais/significativas, as quais são classificadas como elementos que compõem a jornada do herói.

Sabendo que o cenário moderno e global tem disseminado produtos e informações com a temática sobre Heróis, estes se tornaram referência e estão incorporados no imaginário infantil<sup>8</sup>. Deste modo, a utilização de figuras e personagens no papel de Herói, sejam eles(as) míticos ou específicos, com as crianças, se revela como maneira de se aproximar de seu universo. Contudo, essa aproximação deve dar-se de maneira crítica, pois, com a grande oferta de personagens decorrentes e jogos principalmente pela mídia na atualidade, há uma tendência à padronização que influencia o imaginário infantil, como aponta Sarmento:

Na 2ª modernidade, o imaginário infantil tem vindo a ser profundamente influenciado e constituído pelo mercado de produtos culturais para a infância, mercado esse que entronca na globalização social e cultural e que tende a uniformizar pelo gosto crianças de todo o mundo (BECK, 1999, citado por SARMENTO, 2003).

Esse mesmo autor alerta, contudo, que há resistências à essa uniformização, e o trabalho pedagógico crítico sobre o tema pode auxiliar nesse processo de não aceitação cega aos padrões ditados pelo mercado.

A colonização do imaginário infantil pelo mercado é um dado da sociedade contemporânea que não se pode ignorar. Mas, do mesmo modo, não se pode também ignorar a resistência a essa colonização, através das interpretações singulares, criativas e frequentemente críticas que as crianças fazem dessas personagens, reinvestindo essas interpretações nos seus quotidianos, nos seus jogos e brincadeiras e nas suas interações com os outros (SARMENTO, 2003).

---

<sup>8</sup>De acordo com Sarmento (2003), o imaginário infantil pode ser, sinteticamente, correlacionado a um elemento nuclear para a forma como as crianças enxergam e significam o mundo. Assim, as crianças são produtoras de conhecimento, já que a partir da realidade; observação, experiência, audição, interpretação; desenvolvem sua imaginação que é a combinação de elementos/situações já vivenciados para gerar uma nova realidade/fantasia. O resultado disso permite a compreensão e a incorporação de papéis e funções sociais.

Sarmiento (2003) ressalta que, apesar da cultura infantil ter grande influência da cultura adulta, aquela é rica de sentidos e dinamicidade devido à criatividade e combinação de seus elementos pelas crianças. Torna-se clara a vivacidade da cultura infantil nos jogos e nas brincadeiras, os quais revelam ser como portais por onde as crianças adentram em um mundo onde utilizam do seu imaginário para compor e elaborar seu papel, bem como para compartilhar a nova realidade criada com seus(uas) colegas. O exercício desta prática fortalece a capacidade das crianças em formularem interpretações da sociedade, da figura dos outros e de si próprias, da natureza, dos pensamentos e das emoções, dos modos de ação e reação a partir das representações. Assim, indivíduos estimulados na utilização do imaginário desenvolvem o conhecimento e a razão sensível<sup>9</sup>, ao explorar e questionar os sentidos e significados dos objetos/papéis desempenhados na sociedade e, principalmente, convida-os a experimentar o lugar do outro e a executar um processo de autoanálise.

A partir disso, a visão determinista sobre a recepção cultural passiva pelas crianças junto à ideia de que o brincar é um passatempo sem fim e objetivo cairia por terra. Ou, melhor, abre-se a chance para a inclusão de jogos e brincadeiras no trabalho com crianças, pois estas teriam autonomia e liberdade criativa para desenvolver capacidades de transferir-se no outro e em como gostariam de pensar e agir caso estivessem em uma situação específica.

O reconhecimento da construção de realidades possíveis pelas crianças e a sua importância para a formação de indivíduos criativos tem sido assunto verificado e defendido também pela área de Antropologia, a qual tem buscado entender a autonomia relativa das culturas infantis. Nas palavras do antropólogo Clifford Geertz, citado por Sarmiento (2003, p. 8):

Surgiu uma concepção seriamente modificada da mente infantil – não uma confusão alvoroçada e florescente, não uma fantasia voraz, girando em desamparo num desejo cego, nem tampouco algoritmos

---

<sup>9</sup> A razão sensível é a visualização apurada do sentimento e da sensibilidade por meio da expressão reflexiva da razão, articulando conceitos e imagens, o clivo acadêmico com o crivo vivencial, o intelecto e a imaginação. De acordo com a pesquisadora Saura (2014), a razão sensível estaria, precisamente, no caminho do imaginário.

inatos gerando uma profusão de categorias sintéticas e conceitos prontos para serem usados, mas uma mente criando sentido, buscando sentido, preservando sentido e usando sentido; numa palavra – a palavra de Nelson Goodman – construtora do mundo (GEERTZ, citado por SARMENTO, 2003).

O estudo de Saura (2014) com crianças da pré-escola revelou a importância do papel desempenhado pelo jogo e pela brincadeira. Tal prática opera com questões profundas, as quais sugerem transformação, transgressão e o resgate da natureza humana por quem se envolve na atividade. Além disso, a pesquisadora salienta que, quem brinca de verdade, busca compreender seus elementos e extrair o máximo deles com indagações do tipo “como brincar disso?”, “como jogar isso?”, resultando na manifestação da individualização dentro de seu papel e desempenho.

O imaginário e a imaginação eufemizam e suavizam os dramas humanos, as questões fundamentais não respondidas, em última instância a consciência e o medo da morte. No caso das crianças pequenas, auxiliam na organização do caos do mundo, da desordem e do contato com os mistérios, muitas vezes assustadores, da vida. É no brincar e no corpo que as crianças elaboram – com o auxílio da cultura da infância e do seu amplo repertório – questões ontologicamente humanas, por isso estruturantes (SAURA, 2014).

Diante dos expostos anteriores sobre a presença da figura do Herói no imaginário infantil e a importância de gerar capacidades sensíveis por meio do exercício da imaginação, este estudo utilizou jogos e brincadeiras com crianças em situação de vulnerabilidade social<sup>10</sup> para trabalhar a figura do Herói. Por meio do brincar, buscou-se exercitar o imaginário criativo das crianças de forma que fosse possível visualizar e captar as suas reflexões sobre o conteúdo das aulas. Em relação à temática da figura do Herói, verificar a possibilidade de servir como estratégia na autoanálise e em estabelecer relação entre pessoas/papéis sociais similares ao imaginário do Herói adotado por essas crianças.

---

<sup>10</sup>A ideia de população em situação de “vulnerabilidade social” tornou-se frequente na década de 70, em meio a uma política nacional com medidas voltadas à estratégias e práticas sociais. Esse conceito se refere à população que sofre a falta de recursos, sejam eles ligados à distribuição de renda, sejam às fragilidades de vínculos afetivo-relacionais e a desigualdade no acesso a bens e serviços públicos sofrida por essa população.

## 2. MÉTODO

Este trabalho foi realizado por meio de pesquisa qualitativa do tipo intervenção pedagógica (DAMIANI, 2013) realizada em uma instituição filantrópica que atende crianças no contraturno escolar. Segundo a autora, esse tipo de pesquisa é constituída por investigações, as quais se pautam no planejamento e na prática de interferências (mudanças, inovações) – com a finalidade de gerar descobertas e melhorias nos “processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam – e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências” (p. 58).

Ainda, a autora defende a importância desse tipo de pesquisa para a área da Educação, uma vez que se utiliza da realidade, no caso, a sala de aula, como “laboratório científico” para propor e/ou contribuir no aprendizado:

Para defender a pertinência de considerá-las como pesquisas (intervenção), chamamos a atenção para seu caráter aplicado. As pesquisas do tipo intervenção pedagógica são aplicadas, ou seja, têm como finalidade contribuir para a solução de problemas práticos. Elas se opõem às pesquisas básicas, que objetivam ampliar conhecimentos, sem preocupação com seus possíveis benefícios práticos (GIL, apud DAMIANI, 2013, p. 58).

A pesquisa de intervenção pedagógica é constituída por dois componentes principais: o método da intervenção (metodologia de ensino) e o método da avaliação da intervenção. O primeiro método apresenta descrição e sistematização da própria intervenção desenvolvida na sala de aula. Nesse sentido, o objetivo do(a) autor(a) do relatório é a sua atuação como professor(a) (agente da intervenção). Já para o método de avaliação, este tem por objetivo a descrição dos instrumentos utilizados, bem como a análise de seus dados, de modo a captar os efeitos obtidos com a intervenção. É nesse segundo aspecto que ocorre a predominância do caráter investigativo da presente pesquisa, a qual coloca a atuação do(a) autor(a) como pesquisador(a).

Foi desenvolvida uma proposta pedagógica com o tema do Herói, e, para o acompanhamento das aulas foi realizado um diário de campo das atividades ministradas, o qual contém registros da estrutura das aulas e as ações e impressões das crianças obtidas sobre os assuntos tratados.

As atividades e o conteúdo das aulas foram fundamentados no “Modelo de Produtividade Criativa” (SOUZA, 2001), de modo a explorar, principalmente, a oportunidade dos(as) estudantes de intervirem com seus interesses e habilidades durante as aulas, na intenção de propiciar um aprendizado prazeroso e significativo para eles.

O Modelo de Produtividade Criativa, idealizado por Renzulli (1920), sugere estratégias de intervenção no ambiente escolar, que levará o aluno a explorar novas áreas de conhecimento, a desenvolver habilidades cognitivas e um auto-conceito positivo, a participar mais efetivamente das atividades em sala de aula e a descobrir novos interesses e potencialidades. Ao invés de simplesmente reproduzir conhecimento, o aluno é encorajado a produzir conhecimento de forma criativa. Esse modelo fornece ainda, ao professor, sugestões de práticas pedagógicas e exemplos de atitudes em sala de aula que podem contribuir para o desenvolvimento e expressão de comportamentos criativos de seus alunos (SOUZA, 2001).

Assim, para o trabalho com a imaginação junto ao tema principal e às propostas de cada aula foram adotadas atividades de pintura, desenhos individuais e coletivos, jogos e brincadeiras comuns ao contexto das crianças, contos e fábulas (BASILE, 2018; CAMPBELL, 2013), personagens elaborados e interpretados pela professora e por uma convidada, dança, reflexões conduzidas e espontâneas geradas entre as próprias crianças – esta última destaca-se por não ser uma atividade proposta, a priori, pela professora.

Além disso, também utilizou-se de recursos de mídias como, filmagens e fotografias e trabalhos produzidos pelas crianças durante as propostas, para o levantamento dos dados, que colaboraram para que o objetivo da pesquisa fosse atingido.

As aulas foram desenvolvidas em uma instituição filantrópica localizada na cidade de Limeira. Para a ocorrência das aulas, bem como sua documentação, este estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da UNICAMP (CEP – CAAE: 15169919.4.0000.5404, Número do Parecer: 3.457.037). Para isso, a instituição em questão foi contactada pela pesquisadora através de um Ofício de Autorização (Anexo

1), o qual contém o informe sobre o presente estudo, além da assinatura e do carimbo reconhecido pela instituição.

Além disso, antes de dar-se o início das aulas, foram entregues os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo 2) para os pais e/ou responsáveis das crianças<sup>11</sup>, conforme prevê o Comitê de Ética em Pesquisa, e um Combinado entre a professora e a criança (Anexo 3), equivalendo ao Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). O TCLE contém informações objetivas e acessíveis ao público em questão sobre o estudo; seus objetivos, implicações, riscos, aplicações; terminando pela ciência e autorização do(a) responsável e a assinatura e informações para contato com a pesquisadora. Para o Combinado, foi realizada uma filmagem, a qual incluía uma breve explicação adequada às crianças sobre o estudo e se aceitariam participar; quem concordasse deveria levantar a mão para indicar a participação no estudo e nas aulas. Depois, cada criança recebeu um “Combinado” impresso para reafirmar e formalizar sua contribuição neste estudo.

Após a realização dessas etapas, iniciou-se a intervenção. As aulas foram ministradas semanalmente durante um período de 3 meses (agosto, setembro e, outubro de 2019); cada aula teve duração média de 50 minutos; perfazendo um total de 10 aulas.

## **2.1 Participantes**

Participaram da proposta de intervenção 12 crianças entre as idades de 6 e 8 anos matriculadas na instituição, dos quais 11 pais e/ou responsáveis concordaram com a participação das crianças por meio do Termo de Consentimento (TCLE) e do Termo de Assentimento (Combinado) por parte dos(as) próprios(as) estudantes. Apenas 1 dos responsáveis de uma das alunas não assinou o TCLE, apesar da criança ter assentido em participar das aulas no Combinado. Essa criança não participou das aulas e, conseqüentemente, não fez parte do estudo.

---

<sup>11</sup> O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi entregue aos pais e/ou responsáveis por meio do caderno de recado das crianças. Antes da execução da intervenção com as aulas para este estudo, os TCLEs foram recolhidos assinados e arquivados.

Desses 11 estudantes, 6 são do sexo masculino e 5 são do sexo feminino. Com relação ao perfil geral da turma, segundo a contribuição da psicopedagoga da instituição<sup>12</sup>, as crianças apresentam muitas dificuldades de sociabilização. Algumas não compreendem/aceitam muito bem situações consideradas inesperadas e “negativas” como: frustrações; perdas divisão/compartilhamento de tempo e/ou elementos com os(as) colegas de turma; e possibilidades reais e que são presentes na vida de qualquer indivíduo (derrotas, a não realização de planos/sonhos, perdas materiais e imateriais). A não aceitação e dificuldade de aceitar e/ou adaptar-se a essas situações consideradas “negativas” pode ter a influência de algum fator específico presente na vida dessas crianças. Alguns desses fatores são sugeridos a seguir: a falta de modelos positivos; educação por meio de violência como tapas, palmadas para correção, castigos físicos. Diante disso, muitos(as) se expressam com acessos de irritabilidade e de agressividade para com os(as) colegas e professores(as).

Além disso, acrescenta-se que todas as crianças frequentam escolas públicas ou da prefeitura da cidade de Limeira, para ensino regular no período da tarde. Destaca-se que havia crianças com dificuldade na leitura. Para as situações familiares, a maioria das crianças têm famílias classificadas como de baixa renda e residentes em locais de risco para a violência. Em relação à estrutura familiar algumas situações presentes: casos em que os cônjuges são separados; presença de madrastas ou padrastos; irmão detido por ato infracional; falecimento de irmão.

A escolha dessa faixa etária, dos 6 aos 8 anos, justifica-se pois, como apontado nos estudos de Elkonin(1998) sobre o Jogo Protagonizado e seu processo de Descentramento Cognitivo, nessa idade a criança passa a colocar-se no lugar do outro à medida que se “apropria” (ARIOLI, 2007) da cultura e das regras na brincadeira.

O Jogo Protagonizado ocorre quando a criança se utiliza de elementos da cultura “do mundo adulto” para compor seu imaginário. Como a criança não pode ser incluída na sociedade de modo que execute uma atividade útil, ela elabora, por meio do

---

<sup>12</sup> O contato e as informações a respeito dos(as) estudantes e do perfil da turma foram extraídas em uma conversa com a psicopedagoga da instituição através do celular, sem que houvesse interferência das aulas.

Jogo Protagonizado, esferas da vida adulta que não lhe estão disponíveis. Historicamente, esse processo se dava diretamente com a utilização dos objetos, das relações sociais e de suas regras, no contexto da atividade produtiva; após o surgimento do sentimento da infância por volta do século XVII, da compreensão da infância como um período de vida com necessidades e características específicas, esses aspectos da vida adulta são aprendidos por meio do Jogo Protagonizado, que acontece no coletivo de crianças. A remontagem das atividades adultas se dá pelo uso de objetos lúdicos, substitutos dos reais e de uma ação inédita com eles: a ação lúdica (MARCOLINO, 2014).

De acordo com Arioli (2007), o Jogo Protagonizado ou Brincadeira de Papéis Sociais, é a vivência principal da infância, porque é no jogo que a criança adquire transformações qualitativas em sua personalidade e psiquismo, desenvolvendo a maioria das características da personalidade infantil. No Jogo Protagonizado a própria criança, bem como as funções que executa de acordo com seu papel, figuram como o foco de atenção principal durante a realização da brincadeira. No entanto, nessa fase, ainda carece de maiores envolvimento com outros papéis e colegas durante o jogo, permanecendo concentrada e atenta ao próprio objeto e função desempenhada.

A essência do Jogo Protagonizado é as relações humanas entre as pessoas. Ao interpretar essas relações a criança começa a dedicar atenção às regras pelas quais os adultos coordenam suas relações. Conseqüentemente, o conteúdo do Jogo das crianças mais velhas passa a se referir às regras presentes ao papel que desempenham, por isso, as regras são muito respeitadas nesta fase. A desenvoltura e a essência do jogo são verificações de que, nessa fase, a criança compreende cada vez mais o conteúdo da vida dos adultos.

Desta forma, os jogos regrados surgem em um estágio avançado do desenvolvimento infantil em decorrência das motivações deste momento. No começo a motivação da criança durante o jogo está centrada na apropriação dos objetos humanos e sua motivação em relação a esta ação gira em torno de um conteúdo objetal. Entretanto, com o desenvolvimento do jogo e da criança, as relações humanas dos adultos surgem como conteúdo. Na prática, isso ocorre quando os jogos das crianças

passam de disposições nas quais estas ficam “uma ao lado da outra” para jogos em que as crianças brincam “juntas”.

Quando a criança passa a considerar o papel do outro no jogo, ocorre o Descentramento Cognitivo (aproximadamente, 5-7 anos). É neste momento que a criança deixa de enxergar somente suas opiniões e pensamentos para enxergar o outro. As opiniões e os anseios deste outro tornam-se aspecto relevante para a criança desta fase, e o jogo exige essa atitude por parte das crianças. “Para jogar os participantes devem estar de acordo entre si senão a brincadeira não acontece” (ARIOLI, 2007, p. 67)

Com o jogo as crianças desenvolvem cada vez mais a sua imaginação, porque jogando aprendem a substituir um objeto por outro e a interpretar diversos papéis. A personalidade infantil é desenvolvida por intermédio da brincadeira, porque é por meio desta atividade que a criança compreende o comportamento e as regras que regem as relações do mundo adulto, as quais irão lhes servir de modelo de conduta para agir com os seus coleguinhas e as outras pessoas que as rodeiam. Jogando as crianças desenvolvem ainda a criatividade, o amor pelo trabalho, a solidariedade, o espírito de coletividade e cooperação e além disso, transpõem atos imediatistas de seu pensamento e conduta para atos racionalizados e mais próximos da consciência (ARIOLI, 2007, p. 67).

Marcolino (2014) ressalta que, no Jogo Protagonizado, a adoção de um papel oferece o desenvolvimento mental e psicológico da criança, uma vez que esta ocupa uma nova posição em uma relação social, beneficiando o processo de Descentramento Cognitivo. Este é caracterizado pela criança assumir, simultaneamente, o papel do “eu” e do “outro” durante o jogo, de modo a comparar seus pensamentos e ações em detrimento aos pensamentos e ações comuns de seu(sua) personagem interpretado(a).

Considerando todo o exposto, este trabalho teve como enfoque a faixa etária entre 6 e 8 anos, já que, nesta fase, as crianças estão situadas no processo do Descentramento Cognitivo (5-7 anos). Em tal processo as crianças podem se colocar no lugar e no papel do outro, de maneira a refletir melhor sobre o tema tratado e ainda, correlacionando à realidade. Destaca-se ainda que, nessa faixa etária, o imaginário “do faz de conta” se faz presente, contribuindo no modo de preparo das aulas e de seu resultado final.

## 2.2 A instituição

O lugar escolhido para o projeto foi uma instituição filantrópica, localizada na cidade de Limeira, sem fins lucrativos e destinada a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Estas frequentam a instituição em período oposto ao horário escolar. As mais diversas atividades são oferecidas a esse público, destacando-se: atividades artísticas, Educação Física, educação cristã, cidadania e sustentabilidade, entre outras. De acordo com o programa, ano de 2020, atualmente estão matriculadas 93 crianças e adolescentes.

A instituição serve como referência no atendimento de crianças e adolescentes, entre as idades de 6 à 15 anos de idade, que apresentam necessidades educativas especiais como dislexia, disfasia, discalculia, disortografia, TDAH, e outros transtornos de origem psicológica. Assim, estes(as) estudantes podem ser encaminhados(as) para um conjunto de profissionais específicos que o(a) auxiliarão. Acrescenta-se que a missão principal da instituição é a transmissão de valores sociais e cristãos por meio da educação, além de oferecer oportunidades e perspectivas para o futuro.

A instituição filantrópica atua desde 1958, é de conhecimento público e fica localizada próxima ao centro da cidade, sendo fácil o seu acesso. Próximo a ela há uma praça grande e bem frequentada. Além disso, a região é cercada de pontos e lojas comerciais, o que mantém a rua da instituição movimentada por pedestres e transportes em geral.

No interior do prédio, ao entrar pelo portão principal, tem-se a percepção de um vasto espaço bem aproveitado e contendo dois andares: no primeiro, há uma quadra não coberta com traves de futebol e demarcações de Handebol e Basquetebol no chão. Atravessando a quadra, encontram-se o refeitório e uma cozinha, além de uma sala de aula geralmente utilizada para as aulas de música.

Ao entrar pelo portão e do lado direito da quadra, localizam-se salas utilizadas pela equipe gestora para o planejamento e atendimento dos pais e funcionários(as). Também, encontram-se banheiros femininos e masculinos para a

utilização dos(as) funcionários(as) e dos(das) estudantes, além de bebedouro e pias coletivas na parte externa às salas. No segundo andar ficam quatro salas de aula; uma equipada com computadores e materiais de mídia em geral, duas salas contendo carteiras e cadeiras, TV e materiais pedagógicos escolares; e uma última utilizada para as aulas de teatro. Neste andar também há uma sala para reunião dos(as) professores(as) da instituição, banheiros feminino e masculino e bebedouro.

A instituição apresenta possibilidades e variedades em materiais pedagógicos para as aulas. Há recursos tecnológicos como notebook, acesso à rede, TV, rádio e mídias em geral que podem servir às aulas, caso o(a) professor(a) queira utilizar como complemento no conteúdo desenvolvido. Em relação às salas de aula, estas contêm materiais para execução de trabalhos manuais, imaginativos e educativos como lápis grafite, lápis de cor, giz de cera, tesouras, colas, papéis, revistas, jogos, roupas e acessórios para vestimenta, entre outros do gênero. Para as aulas de Educação Física, há um depósito com materiais disponíveis para as aulas: bolas de basquete, de futebol, de plástico; cordas; cones; coletes.

A equipe da instituição é composta por cinco professores(as); cada qual atuando especificamente na sua área de formação: profissional da Informática/mídias em geral, músico, artista/dramaturga, professor de Educação Física e pedagoga. Para o atendimento com os pais e apoio aos(as) próprios(as) estudantes, tem-se uma psicopedagoga e uma psicóloga. A organização e limpeza da instituição ficam ao cargo de duas funcionárias, o suporte dos mais diversos assuntos e o transporte das crianças para outros locais por conta das atividades desenvolvidas pela instituição ficam ao cargo de um funcionário (motorista habilitado para van). O preparo das refeições para as crianças é feito por uma cozinheira contratada. Além desses profissionais e da equipe gestora, composta por três funcionárias presenciais e outros administradores que operam externamente (diretor, vice-diretor, tesoureiros e secretários), a instituição tem abertura para voluntários(as) habilitados(as) e bem intencionados(as) para executar aulas, atividades ou mesmo que queiram fazer parte da equipe.

É grande a rotatividade desses(as) voluntários(as), já que grande parte está cumprindo hora/estágio ou mesmo é intercambista de Universidades de fora da região Sudeste. Entretanto, isso se mostra como um ponto favorável às crianças, seja pelo desenvolvimento de atividades diferenciadas, seja pelo contato com novas culturas e contextos.

### **2.3 Procedimentos**

Considerando que seriam 10 aulas com a turma, estabeleceu-se uma estrutura para melhor aproveitamento dos temas e tempo disponível. Entretanto, não houve rigidez quanto à composição das atividades da aula para que as sugestões dos(as) próprios(as) estudantes pudessem colaborar para os conteúdos a serem trabalhados nas aulas seguintes.

Antes da realização das aulas, houve uma reunião entre a psicopedagoga da instituição e a professora/pesquisadora deste estudo para combinar o melhor dia e horário para as aulas. Com isso, uma das atividades oferecidas, de manhã às terças-feiras, à turma de Nível I (crianças com 6 a 8 anos) foi substituída pelas aulas da pesquisa. Apesar dessa alteração de atividades, as aulas foram ministradas como uma atividade normal realizada pela própria instituição, assumindo uma rotina ao adotar um mesmo dia e horário, inclusive, quanto ao local das aulas, uma das salas pedagógicas do segundo andar.

As aulas aconteciam uma vez na semana com duração de 50 minutos. Ficava a disposição da pesquisadora/professora uma sala de aula com materiais pedagógicos que poderiam ser utilizados e que foram citados no item 2.2. Também, quando marcado com antecedência, era possível utilizar recursos eletrônicos e de tecnologia como a TV e o acesso à rede da instituição.

Em relação à estrutura de cada aula, esta era dividida em três etapas: roda de conversa inicial; atividade com base no imaginário das crianças; e reflexões sobre o desempenho da atividade da etapa anterior – atividades intermediadas pela professora/pesquisadora ou na forma de conversa. O conteúdo de cada aula teve como objetivo principal observar e trabalhar as representações do imaginário do Herói com as

crianças. Para isso, as aulas foram elaboradas nos seguintes temas: (1). Primeiros contatos e introdução ao tema (objetivo principal); (2). O que é um Herói? (3). Heróis; (4). Valores; (5). Sobre quem sou eu: mergulho em si; (6). Contos, encantos, faz de conta; (7). Trabalhando o imaginário com objetos; (8). Construindo dentro daquilo que já existe; (9). Medo e coragem; (10). Meus Heróis. Ressalta-se que todas as 10 aulas tiveram a presença das três etapas, além de serem realizadas nesta mesma ordem: roda de conversa; atividades criativa; reflexão/roda de conversa conduzida.

As aulas com os temas 1, 2 e 3 foram elaboradas, principalmente, de modo a verificar o conhecimento prévio das crianças a respeito da figura do Herói. Para as aulas de número 4, 8 e 10, procurou-se estabelecer ligação entre as relações humanas e as funções sociais desempenhadas pelo Herói. Quanto aos temas das aulas 5, 6, 7, e 9, focaram em vasculhar a figura do “eu”, como as crianças se enxergam, para o desenvolvimento do autoconhecimento e projeção de como gostariam de ser. Especificamente, nesses últimos temas, buscou-se relacionar os(as) participantes com os Heróis, de maneira que compreendessem que são capazes para fazer escolhas conscientes diante dos acontecimentos da vida.

Para esclarecimento sobre o exposto, toma-se a aula “Medo e coragem” (9) para melhor compreensão das etapas. Na primeira etapa, roda de conversa, os(as) participantes foram interrogados(as) pela professora/pesquisadora sobre os assuntos relacionados ao tema da aula. As perguntas, elaboradas pela professora/pesquisadora, podiam levar a outras indagações relacionadas ao tema da aula, de modo a conhecer e a entender o perfil da turma. Além disso, esta etapa se configurou no espaço ideal para que as crianças pudessem emitir suas opiniões e escutar as respostas de seus(uas) colegas. Houve um trabalho em conjunto por parte da professora/pesquisadora, propondo as indagações, e das crianças em responder e expressar opiniões sobre o assunto.

Na segunda etapa, atividade com base no imaginário das crianças, desenvolveu-se uma atividade de expressão artística sobre o tema tratado (exemplificado na figura 1). Durante o decorrer das atividades eram esboçadas as mais

diversas reações entre as crianças, sendo permitido liberdade quanto às expressões de movimento e de comportamento de cada uma, desde de que não ferisse e/ou desrespeitasse os(as) colegas de turma e o regulamento da instituição.

Ainda na segunda etapa da aula, “Representação dos Heróis pelas crianças”; atividade de imaginação por meio do desenho:



**Figura 1 - Fonte de autoria da própria professora/pesquiadora<sup>13</sup>.**

Após a criação artística sobre o tema por parte das crianças, nessa aula houve a presença de uma convidada para conversar e interagir com as crianças por meio da fantasia, neste caso, literal e lúdica. A convidada participou como uma personagem que vestia uma máscara de terror e trajava roupas e acessórios pretos, de modo a causar terror nas crianças e, conseqüentemente, podendo levar ao estado de medo. Como atividade imaginária, os(as) estudantes foram convidados(as) a elaborar e aplicar uma estratégia para impedir que o personagem insistisse em executar um plano nefasto. Em

---

<sup>13</sup> Na Figura 1, assim como as demais presentes neste trabalho, tiveram aprovação (assinatura e ciência) pelos pais e/ou responsáveis das crianças participantes por meio do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).

seguida, realizou-se o jogo de pega-pega, comum à vivência da turma, sendo que o personagem poderia pegar quando este executasse o papel de pegador e poderia ser o fugitivo quando alguma criança assumisse o papel de pegadora. Tal atividade, assim como as demais imaginativas buscaram colocar os(as) participantes em novos papéis e situações.

Na terceira etapa, parte final da aula, as crianças, sentadas e descansadas da atividade anterior, foram questionadas sobre quais jogos e brincadeiras gostavam e o porquê. Esse tipo de pergunta permite conhecer as experiências de cada um(a), bem como o nível de proximidade com o jogo da etapa anterior. Depois, seguiu-se com reflexões e observações da professora/pesquisadora sobre os ocorridos durante a execução da atividade imaginativa. Neste momento os(as) participantes também contribuíram com interpretações e explicações do desempenho de seu papel, bem como de seus(as) colegas, executados durante a atividade da segunda etapa. As crianças foram questionadas sobre as sensações que sentiram ao fugir do personagem e, ao se inverterem os papéis no jogo de pega-pega, quando poderiam pegar o personagem. Além disso, na última etapa eram discutidas com as crianças atitudes consideradas ofensivas durante a dinâmica, tais como chutes e socos, favorecendo a consciência e a responsabilidade sobre as próprias ações e o cuidado com o(a) outro(a).

Assim, para o desenvolvimento da imaginação elencada ao mito heroico foram adotadas atividades como a pintura, desenhos individuais e coletivos, jogos e brincadeiras comuns ao contexto das crianças e contos e fábulas (BASILE, 2018; CAMPBELL, 2013). Com o final da intervenção, as crianças criaram desenhos, máscaras, personagens e coreografias referentes ao tema e à proposta específica de cada aula, estes registros foram utilizados pela professora/pesquisadora como dados. Procurou-se estabelecer uma certa liberdade nas colocações e reações das crianças durante as aulas para emancipação do processo criativo.

### **2.3.1 Organização dos dados coletados**

Após o término de cada aula, o material obtido por meio de registros do diário de campo, das fotografias e das filmagens foi organizado e interpretado utilizando

a categorização de conteúdo proposta por Bardin (SANTOS, 2012), juntamente com o material produzido pelas crianças. A análise se embasou nos estudos de Joseph Campbell sobre a figura mitológica do Herói, pesquisas e artigos referentes à temática e ao arquétipo do Herói, além da utilização de elementos comuns ao contexto das crianças.

Além disso, nos trechos extraídos do diário de campo, descrições das fotos e demais trabalhos desenvolvidos, as crianças tiveram a identidade preservada pela substituição por nomes fictícios. Desta forma, houve o cumprimento da preservação da identidade das crianças, de acordo com o TCLE e o Combinado realizado com a turma.

De acordo com as autoras Silva e Fossá (2017), a análise de conteúdo é uma técnica de análise das comunicações, a qual busca analisar o que foi emitido nas entrevistas e/ou observado pelo(a) pesquisador(a) como o estudo em questão. Para a análise do material, buscou-se classificá-lo em temas de modo a auxiliar a compreensão dos assuntos, bem como melhor correlacioná-los.

Para melhor análise dos registros obtidos com as aulas foi utilizada a categorização. Para Moraes (1999), este método consiste em “agrupar dados” que apresentam coesão entre si. Os dados são classificados por similaridade ou analogia, segundo pontos anteriormente estabelecidos ou definidos no processo.

A discussão dos resultados foi realizada por meio da “categorização temática”. Esta foi elaborada após a leitura e organização dos dados obtidos, de modo a atender o objetivo principal do trabalho e na inclusão de espontaneidades geradas pelo contexto socioeducativo. Os resultados foram divididos em quatro categorias: (1) Visão das crianças sobre o Herói; (2) Afeto e carinho... Sentimentos!; (3) Heróis e superpoderes; (4) O Herói perto de nós.

As categorias (1) e (4) exploram, respectivamente, o conhecimento prévio das crianças sobre a figura do Herói e a influência do conteúdo desenvolvido nas aulas sobre a realidade das crianças. Já para as categorias (2) e (3) ocorrem idas e vindas, das aulas e dos conteúdos desenvolvidos, estabelecendo relação entre a figura do Herói tido como ideal e os Heróis que podem ser evidenciados na vida das crianças.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Com o encerramento das aulas, as informações coletadas (fotos e diário de campo) foram separadas e organizadas em categorias, como descrito anteriormente. Os dados obtidos foram organizados em uma progressão de saberes no sentido de entender como os(as) próprios(as) estudantes concebem a figura de Herói a partir de seu conhecimento prévio e, depois, foram inseridos elementos da chamada “saga do Herói”, identificados e evidenciados pelo estudioso Joseph Campbell.

As categorias foram intituladas como: 1. Visão das crianças sobre o Herói; 2. Afeto e carinho; 3. Heróis e superpoderes; 4. O Herói perto de nós.

#### **3.1. Visão das crianças sobre o Herói**

Em roda, na aula inicial foram trabalhadas três perguntas junto aos(às) participantes sobre Heróis e se eram possíveis de serem encontrados em seu cotidiano: 1. Quem encontrou um Herói nessas férias? 2. Quem gostaria de ser um Herói? 3. Alguém acha ou já pensou como um Herói deve agir?

Na primeira pergunta, muitas foram as respostas, a grande maioria, incluía Heróis da TV, dos quadrinhos e da mídia como “Tony Stark”, “Vingadores”, “Mulher-maravilha”, “Homem-aranha”. Contudo, dentre as respostas, outros enfoques foram dados como “meu pai”, “Deus”. Além disso, falar sobre Herói com crianças revelou ser um tema interessante para elas. Foi como se elas soubessem com propriedade do assunto de uma tal forma que queriam contribuir.

(DIÁRIO DE CAMPO – Tema: Herói (roda de conversa) – 14/08/2019).

De acordo com o estudo de Morais (2004), o contexto do qual a criança faz parte é fundamental para tecer conceitos que serão carregados por toda a vida, assim como também os costumes sociais vivenciados pela criança contribuem em sua forma de pensar e agir. Esse mesmo estudo teve como objetivo pesquisar as referências dos Heróis mencionados por discentes e entender o porquê da escolha desses Heróis. A exemplo do observado no presente estudo, as escolhas dos(as) participantes no estudo de Morais centraram-se em Heróis presentes na vida desses indivíduos: pais, professores, tios, entre outros; e fictícios, provenientes de Histórias em Quadrinhos (HQs) e filmes.

A opção pelos Heróis fantasiosos de HQs e/ou filmes pode ser compreendida pelo contato das crianças com produtos da mídia que evidenciam esse tipo de Herói. Um olhar atento aos materiais escolares das crianças permitia enxergar Heróis e outros personagens estampados que evidenciam a influência da TV e dos brinquedos sobre as crianças, fato comum, como revelado por Sarmento (2003) apontando a globalização do cultural e imaginário. A figura 2, a seguir, revela a influência da mídia sobre as crianças, destacando-se um dos estudantes trajando o logotipo do Herói Batman, personagem da Editora DC Comics.

Atividade de expressão corporal na dança:



**Figura 2 - Fonte de autoria da própria professora/pesquisadora.**

Ressalta-se que, no período da realização das aulas na instituição, estava em cartaz nos cinemas o filme “Vingadores: Ultimato” (2019)<sup>14</sup>. Tal filme teve certa influência na escolha dos Heróis pelos participantes, já que os Heróis citados e advindos da fantasia eram majoritariamente personagens presentes no filme.

<sup>14</sup> Filme de ação e aventura protagonizado por Heróis da Marvel. Destacam-se os seguintes personagens: Homem de Ferro, Hulk, Thor, Capitão América, Viúva-Negra, Gavião Arqueiro.

A pesquisa de Weschenfelder (2017) aponta o tema como recurso favorável para o desenvolvimento psicológico e da resiliência na criança e no adolescente. De acordo com o autor é possível encontrar várias semelhanças entre o Herói “pré-máscara”, momento antes do(a) personagem se transformar em Herói, e crianças e adolescentes em situação de risco.

Sendo assim, há grandes chances das crianças que escolheram citar um(a) Herói(na) de HQ/filme se identificar com as adversidades enfrentadas pelo(a) seu(ua) personagem. Estabelecer trabalhos com essa relação em sala de aula, pode ser benéfico para os(as) estudantes, já que o conteúdo passa a conter significado intrínseco às crianças, de forma que elas levem os ensinamentos por toda a vida, bem como para refletirem e não se sentirem sós em relação às situações pelas quais estão submetidas.

Retomando a primeira pergunta extraída do diário de campo, embora grande parte das crianças tenha citado Heróis fantasiosos para exprimir sua preferência e influência em suas vidas, muitas também complementaram a resposta citando os pais ou uma figura responsável por seus cuidados. Nesse sentido, há uma certa intuição de que indivíduos reconhecem a importância da representação familiar como referência (ou não) para as tomadas de decisões na vida. Isso ocorre, porque, seja pela parte hereditária, seja pela parte de vivências compartilhadas, a família compõem o núcleo de origem de todo ser:

A mãe e o pai são personagens não apenas do mundo individual, mas de toda humanidade, que construiu ao longo do tempo inúmeros mitos a respeito desses arquétipos, em figuras políticas (o Estado, os reis, e rainhas) e/ou religiosas (os deuses, a figura de um deus, os sacerdotes). O Herói, atribuído ao filho, é também um tema tão recorrente – pelas nossas necessidades individuais e sociais – que se antes ele povoava a Mitologia e os contos de fadas, hoje nos cansamos de ver seu tema disposto em nossas telas de televisão e de cinema, e sua presença é constante nos livros de história, em Heróis de guerra, mártires e mesmo os “descobridores” das nações pelo planeta (LARANJEIRA, 2011).

Dando continuidade a uma das perguntas do trecho extraído do diário de campo, todos(as) levantaram as mãos com a pergunta sobre querer ser Herói. Aquelas crianças, assim como as demais, querem enfrentar aventuras, querem ser reconhecidas,

querem deixar sua marca no mundo. Há uma tendência por parte do ser humano de rumar em direção a algo para se “tornar alguém”, para isso, deve passar por processos que, nas palavras de Joseph Campbell (2004), seria equivalente ao “chamado da aventura”.

Um erro – aparentemente um mero acaso – revela um mundo insuspeito, e o indivíduo entra numa relação com forças que não são plenamente compreendidas. Como Freud demonstrou, os erros não são um mero acaso; são, antes, resultado de desejos e conflitos reprimidos. São ondulações na superfície da vida, produzidas por nascentes inesperadas. E essas nascentes podem ser muito profundas – tão profundas quanto a própria alma. O erro pode equivaler ao ato inicial de um destino (CAMPBELL, 2004).

Aqui, o “chamado da aventura” pode ser interpretado como a porta de entrada para um processo que levará o indivíduo a tornar-se outro, não só por percorrer seu destino, mas também por gerar uma mudança interna, nos pensamentos, nas escolhas, no autoconhecimento. O “chamado”, normalmente, é anunciado por um sinal ou, também, identificado como “arauto”, aquele(a) personagem que prediz um novo acontecimento.

Para a última pergunta, sobre o que um Herói faz/realiza, surgiram respostas do tipo: “Tem que ajudar os outros”, “Não pode falar mentira”. Ainda que nada muito concreto, parece haver um entendimento entre as crianças de que Herói deve se propor a construir uma ética que o caracterize, independente de regras ou contextos específicos. Isso se tornou evidente quando a personagem Mal<sup>15</sup>, ao contar uma história, colocou em discussão a reflexão sobre perdoar ou não um(a) amigo(a) que roubasse seu estojo “dos Vingadores” – situação específica:

“Vocês me perdoariam se eu roubasse o estojo de vocês?”  
Respostas: Alguns disseram que sim; outros, não”.

(DIÁRIO DE CAMPO – Tema: Falar sobre valores – 20/08/2019).

---

<sup>15</sup> Personagem criada pela professora/pesquisadora deste estudo para as aulas de campo com as crianças. O objetivo da introdução dessa atividade foi extrair a compreensão e reflexão das crianças sobre seus atos e pensamentos por meio do faz-de-conta. O resultado em relação à personagem foi bem aceita pelas crianças que, inclusive, pediam a volta do personagem “Mal” todo começo de aula.

Sobre este momento da aula, cabem observações gerais e contextuais. É possível que muitos, incluindo profissionais da Educação, repreenderiam as crianças que responderam “não” para a situação de perdão. No entanto, entender o ser humano e as diferenças de um para o outro é um processo complexo. No caso da turma participante deste trabalho, muitas crianças são provenientes de famílias com padrão de baixa renda, inclusive, algumas delas têm famílias grandes compostas por vários irmãos e meios-irmãos. Considerando isso, o acesso a um produto personalizado e exclusivo remonta um acontecimento pouco ou quase improvável. Assim, uma hipótese possível para a questão, é que tais crianças pensaram que ter “o seu estojo dos Vingadores” roubado, trata-se de uma perda muito significativa e afirmativa sobre a sua própria situação social, o que justificaria o “não perdão”.

Situações desse tipo, como a situação hipotética proposta pela personagem, destacam as mazelas sociais e as atitudes e reações ocasionadas pelos fatos, como a situação de perdão ou não, trazendo luminosidade e proporcionando, para aqueles(as) que estão imersos em tal contexto, uma possibilidade de reflexão profunda, não só para enfrentar a “Jornada do Herói”, mas para mudar o mundo:

Por vezes, a passagem do Herói mitológico pode ser por cima da terra, fundamentalmente, é uma passagem para dentro – para as camadas profundas em que são superadas obscuras resistências e onde forças esquecidas, há muito perdidas, são revitalizadas, a fim de que se tornem disponíveis para a tarefa de transfiguração do mundo (CAMPBELL, 2004, p. 35).

Em uma outra aula, com o tema “Um mergulho em si”, os(as) participantes trouxeram características ou realizações pelas quais gostariam de ser lembrados(as) no futuro. Por conta do tema das aulas ser sobre a figura do Herói, muitas das características citadas centraram-se em habilidades sobrenaturais e parecer-se com figuras públicas famosas:

“Como você gostaria de ser lembrado(a) pelas pessoas de quem você gosta e pelas pessoas do futuro?”

Daí a criança (...) respondeu que gostaria de ser lembrada pela rapidez. Outro: “Gostaria de ser lembrado por ser forte”. Outros, ainda, responderam que queriam ser lembrados como pessoas públicas, foram citados nomes de vários jogadores de futebol”.

(DIÁRIO DE CAMPO – Tema: Um mergulho em si – 28/08/2019)

Pensar sobre como gostaria de ser lembrado evoca selecionar características e feitos memoráveis, considerando o evento de uma vida inteira. No cenário brasileiro, observa-se que há mais referências do que se possa imaginar: o “menino Neymar”, considerado um bom atacante no futebol; “Luccas Neto”, youtuber criativo, comunicativo e popular entre as crianças; entre outros. No caso dos Heróis de HQs/filmes, estes também apresentam características e realizações memoráveis, que podem ser relacionadas com a vida de seus leitores e expectadores. Além de que, muitos desse público infanto-juvenil gostariam de ser associados a arquétipos que evoquem a ideia de “força”, de “resistência”, resumindo, de uma essência heróica (WESCHENFELDER, 2017).

Segundo Campbell (2004), para ser o “Herói mítico” e ser lembrado como tal, deve-se romper barreiras que prendem os sujeitos às necessidades e às casualidades de sua época; é preciso buscar aquilo que não muda, ou seja, a essência do ser, muito focado nos contos e histórias. E, depois, compartilhar o seu achado com os seus semelhantes:

O Herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. As visões, ideias e inspirações dessas pessoas vêm diretamente das fontes primárias da vida e dos pensamentos humanos. Eis porque falam com eloquência, não da sociedade e não da psique atuais, em estado de desintegração, mas da fonte inesgotável por intermédio da qual a sociedade renasce. O Herói morreu como Herói moderno; mas, como Homem eterno – aperfeiçoado, não específico e universal –, renasceu. Sua segunda e solene tarefa e façanha é, por conseguinte (como o declara Toynbee e como o indicam todas as mitologias da humanidade), retornar ao nosso meio, transfigurado, e ensinar a lição de vida renovada que aprendeu (CAMPBELL, 2004, pg.28).

Ainda nessa aula, um dos meninos se sentiu à vontade para compartilhar com a professora/pesquisadora, em segredo, sobre um fato curioso:

“Um dia eu estava na escola e como num sonho, eu pisquei os olhos e voltei para casa!”. E eu, como professora, ainda não havia entendido direito o que ele estava querendo dizer: “Ah! Tipo, você se transportou de um lugar para o outro?”, o aluno ficou satisfeito: “Isso, tia, isso mesmo!”.

(DIÁRIO DE CAMPO – Tema: Um mergulho em si – 28/08/2019)

De acordo com a antropóloga e pedagoga Friedmann (2014), a vida interior da criança tem um estado aberto, entretanto, ainda continua sendo um mistério para os adultos, por ser difícil a sua interpretação. A autora coloca o ato de “segredar”, de acordo com a perspectiva do imaginário infantil, em práticas que demonstram a ideia de sua vida interior: escondida, mas acessível por meio das frestas. Nas palavras da autora, a vida interior das crianças seria equiparável às reações delas quando tentam se esconder de algo: “ações clandestinas, práticas sagradas, procurar um esconderijo, cobrir os olhos, disfarçar uma intenção, esconder uma decepção” (FRIEDMANN, 2014, p. 67). No contexto relatado não foi perguntado ao aluno sobre o porquê do fato narrado ser considerado um segredo, mas é possível sugerir algumas justificativas: ter capacidades que os outros não entenderiam; ser Herói, mas preferir o anonimato; demonstrar confiança na professora/pesquisadora; brincar de faz-de-conta; dividir seu imaginário com alguém.

Falar sobre ser Herói em sala de aula permitiu, como visto no segredo anterior, compartilhar experiências com superpoderes, mesmo que imaginários, de modo a evidenciar a compreensão dos(as) participantes de que é possível ser Herói(na) e que qualquer um tem realizações julgadas importantes para serem divididas com os(as) colegas de turma.

### **3.2. Afeto, carinho... Sentimentos!**

Outro aspecto evidenciado durante as aulas foram as informações e os sentimentos das crianças pelas pessoas responsáveis pelo seu cuidado. Algumas delas, inclusive, faziam questão de tecer comentários sobre a própria estrutura familiar durante a primeira etapa da aula, a roda de conversa. Também foi possível identificar emoções e sentimentos com relação a pessoas da família e/ou participantes do cotidiano dessas crianças nas atividades executadas na segunda etapa da aula, nos desenhos, pinturas e mímicas (Figuras 3 e 4).



**Figura 3 - Desenho da estudante Freya realizado na segunda etapa da aula sobre representação das pessoas significativas e especiais.**



**Figura 4 - Desenho do estudante Floki na segunda etapa da aula sobre representação de si.**

Na aula “Construindo em cima do que já existe”, a atividade imaginativa consistiu em um desenho coletivo. Em carteiras dispostas em roda, cada criança tinha uma folha de sulfite a sua disposição. Com o aceno da professora, todos(as) deveriam desenhar o que desejassem na folha até que a professora/pesquisadora desse o sinal de

parar com a ação. Depois, cada criança tomava o lugar da carteira de seu lado direito, de modo que o movimento da turma fosse em sentido anti-horário. As folhas de papel deveriam ser mantidas em sua carteira original e só as crianças assumiriam novos lugares. Trocadas as posições e ao sinal da professora/pesquisadora, todos(as) começam a desenhar, sem restrições de tema, a partir do desenho do(a) colega anterior.

Após todos(as) completarem o ciclo das carteiras e retornarem à sua primeira folha, era o momento de dar seguimento aos seus próprios desenhos a partir dos traços feitos pelos(as) colegas. Nesta segunda parte, cada um deveria escolher entre desenhar pessoas e/ou figuras por quem sentem carinho e admiração ou, então, desenhar a forma como se enxergam. A grande maioria representou familiares e/ou responsáveis por seu cuidado. No caso da aluna Freya, figura 3, esta mostrou o desenho com felicidade e explicou que a menina localizada embaixo e no centro era ela e que deixou registrado no “quadro do seu coração” aqueles de quem gostava muito, finalizando com vários corações para demonstrar o seu carinho por eles. Já o aluno Floki, figura 4, quis fazer diferente, escolheu representar a si.

Durante as aulas, Floki demonstrava ser um tanto seletivo; parecia querer participar das atividades em geral, mas, às vezes, ficava dividido entre se entregar ou não aos objetivos das aulas. Ao ser questionado sobre seu desenho, ele disse que o fez sorrindo. O trabalho foi elogiado e, também, foi acrescentado que era um menino muito talentoso. Floki, ao ouvir os elogios, escondeu um sorriso e, um pouco envergonhado, entregou o desenho.

Apesar de parecer um tanto óbvio, afeto e carinho são, comumente, ligados a fortes emoções de bem-estar e podem favorecer o processo de memorização e aprendizagem (PERGHER, 2006). Considerando-se isso, muitas das atividades buscaram dar voz e escuta às crianças quanto à sua realidade e à forma como se enxergam, além da expressão pessoal nas atividades imaginativas. Destas atividades desenvolvidas, destaca-se a contação de contos, que permite a identificação das crianças com os(as) personagens e eventos narrados.

A relação da escuta da leitura pela criança é afetiva. Este sentimento se manifesta pela identificação com a história, com os temas tratados e com os personagens; esta identificação consiste em afirmar a sua personalidade graças ao livro, formulando parâmetros de julgamentos éticos com relação aos personagens e de experiências e questionamentos pessoais. Sendo assim a escuta de histórias tem um caráter formador ou ético (DE SOUSA, 2011, p. 240).

Sendo assim, despertar emoções de cunho empático, identificador e pessoal coloca significado para a assimilação do conteúdo que, no caso, trata-se de entender a figura do Herói e de aspectos que o permeiam.

Torres e Tettamanzy (2008) colocam o ato de contar e ouvir histórias inerente ao desenvolvimento da humanidade e na preservação cultural de seu povo. Em relação ao âmbito pessoal, a contação de história revela ser uma manifestação de transmissão da linguagem e da cultura entre o(a) contador(a) e seus(uas) ouvintes. Considerando isso, contar histórias é, por si, uma arte, uma vez que carrega significações ao propor um diálogo entre as várias nuances do ser.

As mesmas autoras reforçam o papel da contação como arte pelo fato de causar imersão profunda em questões filosóficas e existenciais através do(s) outro(s). É nesse diálogo com os outros e no compartilhamento de uma mesma experiência que ocorre um processo passível de criações e acréscimos por meio de formas, sons, cores e palavras.

Percebe-se que a relação de cada ouvinte para com o(a) contador(a) e suas histórias é diferente. O momento, embora compartilhado, é único e vivo para cada indivíduo. As histórias, assim como outras manifestações da cultura como música, contos, mitos, entre outras, têm o potencial de reconhecer a cultura de sua própria família – ou contexto social, levando ao conhecimento de uma origem e do autoconhecimento.

O contador vibra, o ouvinte estabiliza, integrando-se àquilo que é ele próprio. Então, é ele que vibra de corpo e alma. A noção de performance perpassa a ideia da presença de um corpo (cf. ZUMTHOR, 2000). A contação de histórias em performance permite a intenção entre contador e ouvintes, o corpo e a voz propiciam vivências comunitárias, perdidas na aceleração da vida moderna (TORRES, TETTAMANZY, 2008, p. 5).

A contação de histórias se fez muito importante para este trabalho, por conta deste meio ter grande potencial de desenvolver a criatividade e por ser uma atividade estimulante e envolvente para todos os que se deixam levar por ela, principalmente as crianças. Segundo Sousa (2011), as histórias são riquíssimas para o desenvolvimento das crianças pois estimulam a criatividade e a imaginação, a oralidade, deixam divertido o aprendizado, há o aprimoramento das linguagens oral, escrita e visual, incentivo para a prática da leitura, melhoram o movimento global e fino, capacitam o indivíduo a ter criticidade. Ainda, nas brincadeiras e situações de faz-de-conta trazidas pelas narrativas, pode ocorrer o trabalho sobre questões de valores e conceitos, da formação pessoal, da cultura e da diversidade e, também, geram o envolvimento social para com os(as) colegas e com a vida em comunidade.

Acrescenta-se que, no contato com as histórias, as crianças sentem emoções ao se compararem com as personagens e as situações do enredo, o que faz com que estes sentimentos, por meio da imaginação, as capacitem para resoluções de problemas de seu cotidiano.

Para a criança muitos de seus sentimentos são tão confusos, perturbadores e dolorosos que é difícil administrá-los, trazendo assim infelicidade. Essa energia emocional fica represada e acaba vazando na forma de sintomas físicos, neuróticos ou comportamentais, como crueldade, comportamento agressivo, dificuldade de aprendizado, enurese noturna, falta de concentração, hiperatividade, obsessões, ansiedade, etc (DE SOUSA, 2011).

As histórias estimulam a criação artística em expressões como o desenho, a música, o teatro, o pensar, o brincar, o manuseio de livros, o escrever, e a vontade de reviver a história já contada.

É nas histórias, nos contos-de-fadas, nos mitos, nas fábulas e outros textos narrativos que há a predominância da linguagem metafórica, certamente, ideal para que as crianças se visualizem no contexto imaginativo, ajudando-as a lidar na forma como entender os seus sentimentos e em como resolvê-los e/ou expressá-los. Este trabalho focou, principalmente, a figura do Herói para que as crianças pudessem se enxergar em tal personagem e perceber que são muitos os fatores que as aproximam de tal arquétipo.

Nas histórias, o mal está tão presente quanto o bem, existem inúmeros obstáculos a serem vencidos, aparecendo escolhas de solução que permitem que a vitória aconteça. Todos esses aspectos fazem parte da vida psíquica da criança, formalizando o processo de identificação.

Aquele Herói que luta e vence mostra a possibilidade de não desistir diante dos problemas da vida real e ter forças para superar todos os desafios. Os seres que figuram o mal significam o aspecto instintivo do homem e, ao serem subjugados, criam a possibilidade de equilíbrio entre a natureza animal/instintiva e a humana (DE SOUSA, 2011).

Neste trabalho, a contação de histórias ocorreu com a utilização de contos, fábulas e histórias em geral no intuito de apresentar personagens e situações fantasiosas para despertar a curiosidade e a imaginação das crianças, bem como gerar reflexões sobre elementos presentes nessas histórias e possíveis de serem relacionados com as experiências de vida de cada criança. Dentre as histórias trabalhadas com a turma, destaca-se um conto xamânico (CAMPBELL, 2003) sobre a sobrevivência de uma tribo e uma história sobre um aldeão que sai em busca de aventuras e chega a enfrentar ogros e a própria escuridão para, no final, ficar com a princesa (BASTILE, 2018).

Além disso, a contação de história se mostrou como uma ferramenta pedagógica muito útil para o estreitamento da relação estudante-professora/pesquisadora.

Na pesquisa de Fagali e Lacava (2013), sobre a associação entre os estilos cognitivo-afetivos da psicologia e os heróis dos contos, há indícios psicossociais de que a mediação do(a) educador(a)/psicopedagogo(a) é favorável para que haja a identificação dos(as) estudantes com os Heróis das histórias. Dessa forma, os contos se apresentam como possibilidade dos(as) estudantes exercitarem a projeção e introjeção de seus atos e reações para ajudá-los(as) no encontro de sua autoestima e autoconceito, os quais são importantes para a eficácia de uma aprendizagem desafiadora, mas prazerosa e significativa.

Para a criança, ouvir a história é uma forma de entender e enfrentar os seus medos, descobertas e desejos. Em meio ao turbilhão de sentimentos que sentem durante a história e fora dela, o(a) professor(a)/mediador(a) pode melhor ajudar os(as) ouvintes ao ressaltar certos assuntos julgados importantes durante a contação da

história. Aliada a isso, a contribuição da experiência obtida pelas crianças com a história narrada por meio de diálogos abertos e atividades expressivas, fortalece o vínculo afetivo-emocional entre professor(a) e seus(as) estudantes e, entre os(as) colegas de turma. Para tanto, é necessário que o(a) professor(a)/mediador(a) esteja atento(a) às necessidades e especificidades de seus(uas) estudantes para escolher as histórias mais adequadas e a forma como trabalhará o imaginário (material utilizado, local de realização da contação, emprego e modo da voz para as falas e onomatopeias, entre outros).

Segundo (...) Cléo Busatto, o professor/contador deve descobrir as razões pelas quais contar histórias, para quem contá-las e em que contexto. Salienta a importância de o professor/contador estar sensibilizado com a narração; é preciso que haja identificação entre o narrador e o conto. Com a história escolhida, o passo seguinte é estudá-la, buscando suas intenções e aprendendo seu simbolismo (DE SOUSA, 2011).

Assim, o(a) professor(a) pode orientar os(as) estudantes para certas percepções ampliando os sentidos e significados que as histórias contadas podem adquirir. Esses sentidos podem ser a ampliação no quadro literal e no metafórico, revelando às crianças que, se é possível identificar-se com certa personagem/situação, é possível enxergar o outro dentro da história.

Durante uma das atividades de conversa foi lançada a seguinte pergunta: “Quem gosta de ser amado(a) e receber abraço?”; todos(as) os(as) alunos(as) levantaram a mão e quiseram contribuir com sua resposta. A grande maioria incluiu os pais/responsáveis, irmã(o) e outros parentes da família, dos quais gostam de receber afeto. Inclusive, uma das respostas: “A minha tia, eu gostava quando ela me abraçava, mas ela já morreu”, confirma que, para ser especial a alguém, deve-se construir memórias de/do ser, o que resulta em deixar um legado, neste caso, uma saudade.

(DIÁRIO DE CAMPO – Tema: Falar sobre valores – 20/08/2019)

A pergunta sobre “ser amado(a)” e “receber abraço” e a prontidão da turma em respondê-la confirma a noção do quão significativo é, para as crianças, a questão afetiva. Elas não só se lembravam como queriam expor os detalhes do afeto/carinho que recebiam e de quanto importante era estar com as pessoas que causam esse tipo de sentimento. Isso confirma o que já foi evidenciado por estudos da neurociência, que

evidenciam que o campo simbólico/afetivo está relacionado à memória, o que contribui para o processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança (PERGHER, 2006).

Ainda, uma outra menina contou um fato em segredo em uma das aulas para a professora/pesquisadora, que prometeu que não contaria para ninguém o seu segredo, então, ela se sentiu à vontade para contar:

“Professora, sabia que minha mãe estava em casa e uns ladrões quiseram roubar ela? Mas aí, quando eles abriram a porta e ela estava com os braços erguidos eles disseram que não iam mais roubar ela. Sabe por quê?” E eu acenei que não; e ela continuou: “Por que tinha dois anjos tomando conta dela e eles tiveram medo. Eles falaram isso para minha mãe!”. E eu perguntei: “E você acredita que isto aconteceu?”, e ela afirmou que sim. Emendei: “E você acha que esses anjos foram Heróis?”. E a aluna me respondeu: “Sim! Eles são Heróis!”. Então falei: “Nunca deixe de acreditar neles! Você acredita neles?”, e a menina respondeu: “Sim, professora, eu acredito neles! Eles ajudaram minha mãe!”.

(DIÁRIO DE CAMPO – Tema: Contos, encantos, faz de conta – 04/09/2019)

Há um entendimento nesse diálogo, ainda que não explícito, de que ser Herói é agir no mundo, é apresentar valores que parecem rarear em nossa sociedade. Para Fuentes (2018), o mito do Herói pode encantar pelos motivos errados como a realização de feitos fantásticos, a utilização de super poderes; força, alta velocidade, capacidade de voar, entre outros. No entanto, por trás dessas propriedades sobrenaturais, é possível vislumbrar que o Herói busca a essência de seu ser, e que, durante o seu percurso aventuroso, revela aspectos de seu caráter e de seu coração em seus atos.

Ainda, de acordo com esse mesmo autor, os pais e professores(as) são pessoas importantes e de influência na vida das crianças para que estas possam assimilar as qualidades verossímeis e “invisíveis” dos Heróis, como, por exemplo, a justiça, a ponderação, a honra e o altruísmo. Aqui vale um adendo de que, na vida real, muitos Heróis não possuem nenhum super-poder, o que revela a educação como um caminho viável e afetivo para a formação de crianças conscientes sobre a existência e a atuação do Herói cotidiano. Dessa forma, no trecho anterior do diário de campo, entende-se melhor a escolha da estudante em contar o segredo para a

professora/pesquisadora. Seja por identificação ou afinidade, seja por outro motivo, o fato é que o papel do(a) professor(a) vai além daquele de simplesmente ensinar, mas também é aquele(a) que ouve e que dá voz e escuta aos(às) estudantes, proporcionando confiança.

Em outra situação, fora do período da aula, um dos meninos demonstrou afeto pela professora pelo abraço. Não houve palavras de gratidão ou uma explicação sobre o porquê dar um abraço, no entanto, essa demonstração de afeto resulta da combinação de um processo que surgiu do contato da professora/pesquisadora com os(as) estudantes semana após semana e o significado do conteúdo gerado a cada um(a) dos(as) participantes.

Na última aula e no último momento era comum as crianças se organizarem em uma fila para que eu os liberassem, um a um, para ir ao refeitório almoçar. Um dos alunos, Ivar, disse-me prontamente: “Eu serei o último a sair!”. Depois de todos(as) os(as) alunos(as) terem deixado a sala, Ivar permaneceu sentado em uma das cadeiras, e eu: “Vamos, Ivar! Você precisa almoçar e ir para a escola!”. Ivar respondeu negativamente com a cabeça. Mais uma vez eu tentei: “Aconteceu algo? Está com medo?”, e Ivar, de novo, acenou que não. Finalmente, eu: “Você quer um abraço?”, imediatamente, o Ivar saiu ao meu encontro em um abraço. Retribuí o abraço e ele se despediu de mim.

(DIÁRIO DE CAMPO – Tema: Medo e coragem – 02/10/2019)

Ser professor(a) é estar atento para “ler o mundo” (FREIRE, 2001), estar pronto para aprender e compreender ao lado dos(as) estudantes. Entender que o processo de ensino e aprendizagem ultrapassa a mera repetição do saber, é entender que, como humanos, carecemos de afeto, carecemos de símbolos para nos tornarmos ávidos e motivados para descobrir o mundo e reinventar-nos perante as aventuras.

A estudiosa Lacava (2010), citada por Fagali (2013, p. 65), fortalece tal ideia do seguinte modo:

A ação impulsionadora e motivadora do educador/psicopedagogo deve estar calcada em dois movimentos que funcionam como linhas/guias conduzindo-o por duas vias: uma de afetividade, outra da cognição; uma do sentimento, outra da razão permeando suas ideias, pois são esses movimentos aliados à sensibilidade e criatividade que ajudarão na configuração de um profissional que poderá trazer outra

qualidade para sua atuação, refletindo de maneira ímpar em seu aprendiz.

Considerando isso, além das questões mencionadas sobre afeto e carinho, as emoções são possibilidades que abrem caminho para trabalhar com o ensino do conhecimento para com as crianças. O sentimento de identificação dos(as) estudantes deste trabalho para com as atividades realizadas em aula, principalmente aquelas referentes às contações de histórias, serviu como base para desenvolver sentido e significado próprio para cada criança. Sendo assim, as histórias revelam ser um meio para atingir a imaginação de cada criança de acordo com suas necessidades e especificidades pessoais, exercitando-as para o autoconhecimento e, conseqüentemente, para a sensibilidade com o outro.

### **3.3. Heróis e superpoderes**

Além de sua popularidade e sua forma de agir, os Heróis também apresentam características que não se restringem à sua essência. Considerando os Heróis da TV e dos quadrinhos, muitas dessas características são físicas ou são habilidades específicas, as quais são nominadas como “superpoderes”. São exemplos disso a super-força do Super Homem, a ultra-velocidade do Flash, o raio laser do Ciclope e a capacidade de voar da Capitã Marvel. Essas são características que nos saltam aos olhos, porque fogem à normalidade e conotam a ideia de ter a capacidade para realizar/mudar algo.

Neste trabalho, para explorar o assunto de modo a relacionar com a realidade, utilizou-se o sentimento de medo e a sua superação. Assim, foi realizada uma alegoria entre aventura e medo, e estratégias para o enfrentamento e a superação do medo. De acordo com a citação de Friedmann (2005), pautada em Campbell, “a alegoria é (...) um modo de falar sobre algo já conhecido – de uma maneira interessante, através de imagens”, considerando isso e os expostos anteriores sobre culturas de infância, buscou-se abordar os riscos a que todos os Heróis estão destinados a enfrentar em sua jornada por meio do sentimento de medo, sensação frequente no imaginário das crianças. De acordo com as conclusões da pesquisa das autoras Rodrigues e Fagali (2017), os sentimentos associados ao medo são naturais e comuns aos homens e

mulheres desde o começo do desenvolvimento psíquico até o fim de suas vidas. Entretanto, para aqueles(as) que deixam tal sentimento crescer e diminuem as próprias forças e capacidades de ação, o medo pode paralisar a jornada do Herói. Para que isso não ocorra, é necessário coragem para agir apesar do medo, gerando uma experiência de aprendizado e de desenvolvimento para o indivíduo.

A aventura é, sempre e em todos os lugares, uma passagem pelo véu que separa o conhecido do desconhecido; as forças que vigiam no limiar são perigosas e lidar com elas envolve riscos; e, no entanto, todos os que tenham competência e coragem verão o perigo desaparecer (CAMPBELL, 2004).

No trabalho de Rodrigues e Fagali (op. cit.) foi utilizado o conto “Chapeuzinho Amarelo” de Chico Buarque de Holanda (baseado no conto clássico “Chapeuzinho Vermelho”), o qual serviu como instrumento para as autoras identificarem a percepção do sentimento de medo expresso por duas crianças nas situações: do ponto de vista dos personagens e da própria percepção sobre esse sentimento. Posto isso, a mediação da professora com perguntas e atividades que associaram o medo presente no conto com os medos infantis contribuiu para a abordagem do tema. Assim, e considerando o sentimento de medo como um sentimento natural e presente na vida de todo ser humano, no presente trabalho foi colocado, em uma das aulas, a temática do medo e estratégias para enfrentá-lo e superá-lo.

Para as atividades desenvolvidas durante essa aula, adotou-se uma abordagem implícita de “Como encarar o medo?”. Diante disso, surgiram manifestações/respostas que poderiam ser interpretadas como superpoderes e ideias criativas de ações elaboradas pelas crianças sobre os modos de superar o medo e prosseguir com sua jornada.

De acordo com Campbell (2013), ser Herói envolve percorrer um caminho obscuro e de aventuras para, terminada a jornada, retornar a todos e revelar suas descobertas. Durante a jornada de cada indivíduo, seja criança, seja adulto, é necessário ter coragem para enfrentar os próprios medos e anseios. Sabendo da importância do atributo “coragem” para seguir no rumo e da capacidade de criar sua própria forma para

desenvolvê-la, a utilização do imaginário com as crianças permitiu a consciência do medo e sua compreensão para criar soluções. Assim como muitas perguntas e questões abordadas desde a Antiguidade pelos seres humanos, incluindo, as crianças, quando se considera o seu imaginário para reconstituir e elaborar compreensões sobre o mundo:

Em um ambiente criativo, de paz estética e acolhimento imaginário, crianças crescem perguntando do mesmo modo que perguntaram os jônios e todos os pré-socráticos nas suas formulações cosmológicas. Criam imagens mitológicas para suas perguntas que são as mesmas perguntas originárias das grandes mitologias, das mais antigas histórias da criação. Sondam a natureza do sol e os mistérios da lua, a origem do homem e do mundo. Toda criança que tem a oportunidade e a paz para expressar seu ser é capaz de desenhar os contornos de uma teologia do mundo, de uma filosofia do homem e de uma hermenêutica no seu brincar (PIORSKI, citado por SAURA, 2014, p. 167).

Para abordar o tema “Medo e coragem”, na segunda parte da aula foi proposta uma atividade de imaginação com os(as) participantes. A professora, utilizando uma máscara com a descrição “Mal” (figura 5) e incorporando este novo personagem, contava histórias e situações para as crianças de modo a pedir para que elas imaginassem que estavam em seu lugar, colocando-se no lugar do outro. Além de que, às crianças, era permitida sua livre participação por meio de falas e reações para com a personagem e a história narrada.

Dessa forma, a personagem fez várias indagações sobre a história/situação contada: Você faria diferente da personagem Mal? Imite como você reagiria diante disso. Para as contações de histórias, a personagem, professora-pesquisadora, fazia interferências entre uma parte e outra para as crianças participarem na composição e na reflexão da história. Reações e comentários elaborados pelas crianças também eram bem-vindos.



**Figura 5 - Máscara da personagem "Mal" confeccionada com papel sulfite e elástico.**

Na segunda visita do personagem Mal, antes da professora se transformar com a máscara, uma das meninas perguntou se a personagem da semana passada (Mal) estaria presente naquela aula. Eu respondi que sim. Ela fechou os olhos e disse: “Eu tenho medo! Não traga ele aqui!”. Nesse caso, o contador de histórias, Mal, mostrou-se ligado à sensação de medo para aquela aluna. Apesar da ideia por trás da personagem Mal ser a personificação de alguém que está perdido em sua jornada e insistindo em executar ações egoístas, isso não deveria classificá-la, necessariamente, dentro de uma estrutura maniqueísta do tipo “bem” e “mal”. Porém, explorando o campo das possibilidades, a vivência daquela criança, associada a conceitos e pensamentos vistos em aula podem ter permitido uma combinação/maneira de enxergar a personagem como elemento de medo e até como exemplo a não ser seguido. Outro menino, no entanto, sempre perguntava pela volta da personagem, demonstrando apego e ansiedade em escutar a próxima história preparada pelo Mal.

O medo existe. Faz parte da saga do Herói, mas por trás de todo medo há uma superação. É preciso enfrentar o medo. Todos os dias pessoas sentem medo e podem ser ajudadas. Nas atividades de contação utilizando o personagem Mal, buscou-se permitir ações e pensamentos das crianças perante o desconhecido. Muitos tiveram medo, seguido pelo ímpeto de fuga, porém, era nítido que também estavam curiosos(as), ficando divididos(as) entre o ato de esconder-se e de descobrir-se.

Depois de fazer as crianças me prometerem se comportar, saí da sala e “trajei-me” do personagem Mal (máscara). Logo ao entrar na sala, alguns alunos estavam agachados, escondendo-se pelas cadeiras e mesas que estavam dispostas na sala. Outros corriam para a outra extremidade da porta da qual eu havia utilizado para adentrar a sala. O aluno Harald, até soltou um grito e se abaixou imediatamente em uma das carteiras da sala.

(DIÁRIO DE CAMPO – Tema: Falar sobre valores – 20/09/2019)

O enfrentamento do medo, dos riscos, do desconhecido traz benefícios para o indivíduo e o transforma em um ser crítico e profundo frente às questões existenciais e ao entendimento do mundo:

Tendo cruzado o limiar, o Herói caminha por uma paisagem onírica povoada por formas curiosamente fluidas e ambíguas, na qual deve sobreviver a uma sucessão de provas. Essa é a fase favorita do mito-aventura. Ela produziu uma literatura mundial plena de testes e proezas miraculosos. O Herói é auxiliado, de forma encoberta, pelo conselho, pelos amuletos e pelos agentes secretos do auxiliar sobrenatural que havia encontrado antes de penetrar nessa região. Ou, talvez, ele aqui descubra, pela primeira vez, que existe um poder benigno, em toda parte, que o sustenta em sua passagem sobre-humana (CAMPBELL, 2004, p. 102).

Complementando as atividades de superação do medo, na aula “Contos, encantos, faz-de-conta” a atividade da segunda etapa foi a de criação de seu próprio Herói. Além da imaginação de seu(ua) Herói(ína), este(a) deveria receber um nome, um poder e ter sua máscara confeccionada (figuras 6 e 7) para ser apresentado(a) diante da turma. As máscaras foram feitas com papel sulfite e pintadas com lápis de cor. O objetivo dessa atividade foi estabelecer a percepção das crianças da figura do Herói e que, fantasiosamente ou dentro da realidade, a coragem; bem como outros elementos como a astúcia, a inteligência, a criatividade, dentre outros; são essenciais para vencer o medo e continuar sua jornada.



**Figura 6 - Heróis criados pelas crianças 1. Máscara superior: "Mulher Maravilha"; poder de raio laser. Máscara inferior: "Super Gelo"; poder de lançamento de gelo.**



**Figura 7 - Heróis criados pelas crianças 2. Máscara superior: "Flash"; poder de alta velocidade. Máscara inferior: "Jonaminions"; poder de soltar raios de banana.**

A criação do(a) seu(ua) Herói(ína) pelas crianças permitiu acessar o imaginário infantil e as suas peculiaridades para externar uma figura ideal de si. Depois da elaboração das máscaras, dos nomes heroicos e poderes, os(as) participantes tiveram a oportunidade de interpretar os comportamentos e a forma de agir do(a) personagem diante da turma. A incorporação dos(as) Heróis(ínas) trouxe abertura para que os(as) colegas contribuíssem com reações e comentários que pudessem adicionar ou excluir elementos representativos de cada personagem apresentado(a). Desta forma, a criação dos personagens recebeu o toque e a atenção de todos os(as) colegas, uma construção coletiva.

### **3.4. O Herói perto de nós**

É recorrente crianças e jovens terem como referência/influência pessoas e/ou figuras que estão veiculadas a programas de TV, imagens e marketing em geral.

Isso pode ser um empecilho para conseguirem encontrar Heróis reais, os quais estão presentes na vida das crianças e jovens. Para tanto, despertar a reflexão e a capacidade de análise frente à realidade e aos padrões encontrados nas mídias mostra-se um forte componente para a formação de indivíduos críticos em suas escolhas e estilos de vida (MUNARIM, 2007).

No caso dos Heróis reais, estes se diferem dos heróis da TV e dos quadrinhos, principalmente, por não apresentarem capacidades e/ou habilidades sobrenaturais. Os Heróis da vida podem não ter a super-força do Super Homem, mas trabalham para sustentar a família; não apresentam garras de metal como o Wolverine, no entanto, são indivíduos que se prontificam a ajudar o próximo, por exemplo, em desastres como o ocorrido na Barragem de Brumadinho<sup>16</sup> e a assistência dada pelos profissionais da saúde nos hospitais para o tratamento da COVID-19<sup>17</sup>.

Muitos(as) desses(as) Heróis(ínas) estão dispostos a dar afeto e carinho e são exemplos no resgate de valores e ideias que estão perdidos em meio ao excesso de informações. Na área de Psicologia, em relação à infância e à adolescência, o contato com o arquétipo de Herói se mostra importante já que:

A principal tendência do inconsciente é construir um complexo de ego forte e que a maioria das dificuldades na juventude resulta de perturbações ocorridas nesse processo, seja pela influência negativa dos pais, seja pela experiência traumática ou qualquer outro distúrbio (VON FRANZ, citada por FAGALI, 2013, p. 69).

Considerando tal exposto, um indivíduo pode estar sujeito a várias desavenças que causem traumas e frustrações: falta financeira e/ou afetiva familiar,

<sup>16</sup> O “acidente de Brumadinho”, como é lembrado, aconteceu com a imersão da barragem I da Mina de Córrego do Feijão, da Vale, no dia 25 de janeiro de 2019, e em menos de meia hora matou cerca de 270 pessoas (site da BBC News Brasil, 2020).

Para mais informações sobre o “acidente de Brumadinho” e os envolvidos, acesse:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/01/brigadistas-e-voluntarios-auxiliam-no-resgate-de-vitimas-em-brumadinho.shtml>

<sup>17</sup> COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves (site do Governo do Brasil – Saúde, 2020).

Para maiores detalhes sobre o vírus COVID-19 e temas relacionados, acesse: <https://aovivo.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/13/5900-acompanhe-todas-as-informacoes-sobre-a-pandemia-de-coronavirus.shtml>

usufruto de espaços com alto risco de violência, insalubridade, entre outros fatores. Para enfrentar essas situações, tais indivíduos precisam apurar a visão para perceber as pessoas e lugares que os cercam e estarem conscientes do modo como agem perante o seu contexto de vida.

Para este “despertar”, a educação se mostra como forma de disponibilizar meios para que as crianças e os(as) adolescentes busquem o autoconhecimento e estejam atentos(as) aos elementos disponíveis em suas vidas. Seguindo tal ideia, a autora Fagali (2007) traça conexões entre as relações afetivas e o processo cognitivo, durante o processo de aprendizagem. Desta forma, as emoções e experiências pessoais se comportariam como fatores para estimular o pensamento ativo e reflexivo sobre seus atos e escolhas, responsabilizando o indivíduo sobre seu modo de viver.

Nesse sentido, a aprendizagem que possibilita o autoconhecimento e o conhecimento do outro e do objeto do saber, levando em conta o processo de individualização, o jogo entre as emoções opostas e diferentes, ampliam as condições do homem aprendiz para que este possa flexibilizar-se afetivamente, diante das construções cognitivas relacionadas a si próprio, ao outro e ao conhecimento em geral, seja este homem, criança, adolescente ou adulto, em qualquer condição de vida, de desenvolvimento pessoal e de funções (FAGALI, 2007).

Para as aulas com as crianças, evitou-se fazer a relação explícita entre Herói e pessoas presentes nas suas vidas. A estratégia para tal compreensão foi gerar a reflexão e a imitação/simulação de pessoas comuns às crianças, por meio de perguntas pessoais que protagonizavam as emoções, a família, os interesses dessas crianças.

Quem você admira muito em sua vida? (...)

Apareceram as mais diversas respostas, desde figuras presentes na vida das crianças, tais como pai, mãe, irmão/irmã; pessoas da própria instituição, professores e colegas; e personagens/figuras públicas, jogadores de futebol – Neymar e Daniel – e Bruce Lee – lutador.

(DIÁRIO DE CAMPO – Tema: Um mergulho em si – 28/08/2019)

Apesar da pergunta anterior parecer ingênua, a palavra “admirar” desperta uma atenção/verificação por parte do(a) estudante sobre sua vida, além de perceber que sua escolha se pautará em pessoas presentes em seu cotidiano, que deverá julgar quem merece o seu destaque.

Em uma outra pergunta, adicionou-se a compreensão de papéis sociais na sociedade para que as pessoas enxergassem que os Heróis, não estão restritos somente ao círculo pessoal de familiares e conhecidos, mas podem desempenhar uma função social pela qual muitos se beneficiem. Por este viés, existem vários Heróis, é necessário explorar durante o dia-a-dia.

Um(a) médico(a) pode ajudar as pessoas? Como pode ajudar?

Surgiram várias respostas como: “Um médico pode ajudar dando remédio e curando”; “Tem vacina também!”.

OBS 1: Depois dessa primeira pergunta, pedi para que imitassem o(a) médico(a) ajudando as pessoas: Alguns imitaram simulando uma vacina no braço próprio ou do colega; teve uma aluna que colocava a mão na testa de outro aluno e me dizia: “Professora, veja! O Ubbe está com febre, não acha?”. E eu, entrando na brincadeira, colocava a mão sobre a testa dele e dizia: “Realmente, acho que ele está em estado febril!”; com isso, o próprio aluno (Ubbe) simulava estar amuado e um tanto doente.

E um lixeiro, ele também pode ajudar as pessoas?

Com essa pergunta, todos saíram respondendo prontamente que sim. Dentre as respostas dadas estão: “Professora, um lixeiro deixa a cidade limpa!”; “O lixeiro não deixa a cidade ficar cheirando mal”; “Se não tivesse lixeiro, não aguentaríamos de tanto fedô!”.

(DIÁRIO DE CAMPO – Tema: Contos, encantos, faz-de-conta – 04/09/2019)

Na aula posterior a essa, os(as) estudantes foram levados a pensar em uma referência para si envolvendo pessoas do seu contexto:

Algumas respostas: “Minha mãe”; “Minha mãe, meu pai, meus irmãos”; “Eu, professora! Eu quero ser eu!”; “Tia, Deus!”; “Meu irmão”.

O menino que respondeu a si próprio como referência pode ter entendido que há outros que o enxergam e podem classificá-lo como alguém que ajuda, bem como ele próprio se projetou para fora de si, avaliando-se e tornando-se sua escolha. Ainda, esta mesma criança pode ter adotado tal escolha como parte do processo de autonomia, diferenciação do *Self*, natural no amadurecimento do indivíduo. De acordo com Souza (2016), a diferenciação do *Self* é caracterizada pelo reconhecimento do indivíduo como sujeito e necessidade de separação nos quesitos intelectuais e emocionais dos de sua

família de origem, de modo que este mesmo indivíduo se “auto-referencie”, adquirindo status autônomo em seus pensamentos e escolhas. Esse processo começa na infância e continua durante toda a vida, já que é uma separação gradativa da origem familiar (SOUZA, 2016).

O autor Souza (2016) também coloca como positiva a escolha das crianças por referenciais heroicos. Essa escolha revela a importância de Heróis como modelos pessoais, seja para se identificar ou mesmo para imitá-los, pois representam explicitamente parte do processo do desenvolvimento do *Self* na criança.

O processo de diferenciação de *Self* ocorrido na infância e a ligação das crianças aos ídolos revelam a importância dos mesmos nessa fase do desenvolvimento e também a influência que se pode exercer no imaginário infantil nos comportamentos e condutas da criança perante a sociedade. É comum da infância, imitar o que se percebe e a realidade que se cerca. Deste modo, os valores trazidos e externalizados pelo Herói são copiados pela criança, modelando sua conduta (SOUZA, 2016, p. 12).

Para a área da Educação, observar e fazer as crianças encontrarem modelos para reconhecerem-se e seguirem como as pessoas presentes nas suas vidas, como familiares e até mesmo figuras ideais (ídolos, celebridades, Heróis) permite contribuir para buscar sua(s) própria(s) referência(s). Além disso, desenvolver um olhar atento e referenciar-se em alguém é uma forma de ensino que ultrapassa o ambiente escolar, o que torna um exercício de formação para a vida.

A identificação na infância com um Herói também tem benefícios. Há uma proporção educativa na imagem dos Super-Heróis, principalmente no aspecto de valores morais. Entendendo Educação não somente como método em sala de aula, o processo de imitação dos comportamentos apresentados pelo ídolo também é um processo de aprendizado para a criança (FOGAÇA, op. cit., SOUZA, 2016).

A oportunidade de relacionar a figura do(a) Herói(ína) com exemplos reais do cotidiano das crianças facilita o processo de visualização de modelos que podem ser encontrados e imitados na sociedade. Os(as) Heróis(ínas) são admirados(as) por sua persistência no caminho que trará luz e transformação. Não diferente disso, na vida, há pessoas que surpreendem em sua forma de agir e lutar, apesar das adversidades, por

aquilo em que acreditam. Os Heróis do dia-a-dia tem a força de vontade do Superman para trabalhar e cuidar de sua família; são aqueles que têm a rapidez do personagem Flash para se multiplicar ante as várias tarefas que a vida apresenta para se ajudar e ajudar o próximo; são agentes que, apesar de ficarem anônimos perante o conhecimento da sociedade, têm ações importantes e significativa para o bem comum, como é o caso da personagem Viúva Negra.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Visto a importância e o acesso das crianças a produtos relacionados a Heróis, este trabalho se propôs a identificar as representações da figura do Herói por meio do imaginário de crianças entre as idades de 6 e 8 anos e analisar uma proposta pedagógica com a finalidade de um olhar reflexivo e crítico sobre a realidade da figura do Herói. A partir disso, e de acordo com os resultados obtidos, revela-se importante propor estratégias e contribuições na utilização da figura do Herói para a área da Educação com crianças de forma a despertá-los para uma formação crítica e leitora da realidade.

Tem sido grande a repercussão e a popularidade dos Heróis para com o público infanto-juvenil. Na modernidade, isso ocorre de maneira mais intensa, também, devido ao processo de globalização que permite a fácil e rápida viabilização de produtos, imagens e construções culturais desses personagens vinculados a empresas como a Marvel e a DC Comics. Entretanto, é importante ressaltar que a procura e a expressão de referências heroicas é um assunto atemporal. Explica-se melhor: os Heróis estão presentes em diferentes épocas, culturas, nações; tratando-se, possivelmente, de um arquétipo, uma ideia coletiva. Assim, é natural que tal temática cause fascínio ao público infanto-juvenil, de modo a influenciar sua relação com o mundo e consigo mesmo.

Nas aulas de campo ficaram evidentes as representações dos Heróis relacionadas ao contexto cultural da atualidade. Pôde-se notar isso nas mais diversas atividades de criação: nos desenhos elaborados, na criação dos personagens e das máscaras, nas danças e seus passos idealizados, bem como demais atividades. No entanto, através das conversas e de perguntas reflexivas, antes e após as atividades desenvolvidas, as crianças procuravam associar seus(uas) Heróis/personagens consigo próprias. Colocar atividades e indagações sobre as experiências pessoais favoreceram relações com a figura do “eu”, proporcionando um sentido mais amplo para a figura do Herói.

Tais pensamentos foram constatados em reações e em respostas dadas pelos(as) participantes ao final das aulas e das dinâmicas criativas. Muitos começaram afirmando que seu(ua) Herói(ína) era um personagem da TV, e depois das aulas, as

respostas passaram a incluir pessoas da família, funcionários da própria instituição e até a personagem Mal, criada na proposta de intervenção, foi incluída como alvo de afeto e referência. Durante esse processo de ensino, houve a construção de confiança, entre as crianças e a professora/pesquisadora, de modo a propor a exploração explícita de elementos internos e da projeção em situações e no lugar do outro.

A partir de todo o exposto, a temática da figura do Herói em sala de aula mostra-se como um(a) caminho/possibilidade a ser explorado(a). O tema da pesquisa pode ser utilizado sobre várias vertentes: conhecer os alunos, trabalhar autoestima e valores, este último realizado de um modo mais significativo do que outras formas tidas como “tradicionais”.

Ao que o presente trabalho indica, há grandes chances de tal tema ser relevante para a formação de indivíduos conhecedores de si e responsáveis pelas suas escolhas. Considerando isso, faz-se necessário a realização de mais estudos nessa linha com uma duração maior das aulas de campo para a extração de maiores resultados e esclarecimentos a respeito. Além disso, cabe salientar que, durante as aulas, o impacto afetivo gerado por meio das experiências pessoais e dos compartilhamentos de visões de vida em sala com os(as) colegas tornou o papel do indivíduo importante, bem como despertou o olhar e a atenção para com o outro. Sendo assim, esta pesquisa é o começo do que ainda pode ser evidenciado: questões como a possibilidade de um trabalho similar para com o público juvenil; as diferenças entre indivíduos que estão em situação de vulnerabilidade social e de situação considerada normal; metodologia com Heróis dentro da pedagogia.

Especificamente no decorrer das aulas, surgiram temas e questionamentos para outras pesquisas que possam vir a contribuir para com o desenvolvimento da formação das crianças, além do entendimento sobre como se dá a relação das estruturas psicossociais individuais para com o processo de aprendizagem. Nesse sentido, colocam-se as seguintes indagações: o trabalho de arquétipos com as crianças para o exercício da imaginação e da significação para compreensão da vida. Além disso, explorar a

contação de histórias por outros meios que não o convencional como modo de se reconhecer e/ou projetar-se em outras situações.

Na realidade, cada indivíduo apresenta uma jornada composta por várias escolhas e acontecimentos, os quais a torna única e, portanto, concebe-nos como atores principais de nossas vidas. A verdade é esta: todos podem ser Heróis! Para isso é necessário estar disposto a aprender, a enxergar o invisível aos olhos, para que o auto sacrifício do(a) Herói(ína) beneficie os demais e transforme-o como indivíduo.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Alberto Filipe; TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário. **Letras de Hoje, Porto Alegre**, v. 44, n. 4, p. 7-13, 2009.
- ARIOLI, Tatiane. O desenvolvimento infantil e a importância da brincadeira de papéis sociais para o desenvolvimento psíquico da criança a partir dos estudos de Elkonin e Leontiev. **Cadernos da Pedagogia**, v. 1, n. 1, 2007.
- BASILE, Giambattista. **O contos dos Contos: PENTAMERON ou o Entretenimento dos pequeninos**. Editora Nova Alexandria, 2018.
- CAMPBELL, Joseph. A jornada do herói. **São Paulo: Ágora**, 2003.
- CAMPBELL, Joseph. A saga do herói. **A Jornada do Herói—Joseph Campbell—Vida e Obra. São Paulo, Ágora**, 2013.
- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. Cholsamaj Fundacion, 2004.
- CAMPBELL, Joseph. O poder do mito (entrevista a Bill Moyers). **Trad. CF Moisés. São Paulo: Palas Atena**, 1990.
- CHATACK, Gislene. **O poder do mito e dos heróis na educação**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.
- DAMIANI, Magda Floriana et al. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de educação**, n. 45, p. 57-67, 2013.
- DE SOUSA, Linete Oliveira; DALLA BERNARDINO, Andreza. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **Educere et Educare**, v. 6, n. 12, 2011.
- DE SOUZA FLEITH, Denise. Criatividade: novos conceitos e idéias, aplicabilidade à educação. **Revista Educação Especial**, p. 55-61, 2001.
- DOS SANTOS, Fernanda Marsaro. **Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin**. 2012.
- FAGALI, Eloisa Quadros. A relação afetiva na situação de aprendizagem: diferentes significados e formas de atuações. **Revista Diálogo Educacional**, v. 7, n. 20, p. 51-64, 2007.
- FAGALI, Eloisa Quadros; LACAVA, Lidia. Identificação dos estilos cognitivo-afetivos de heróis dos contos e de sujeitos, em situações de aprendizagem, sob o enfoque sob o enfoque psicopedagógico-arteterapêutico. **Construção psicopedagógica**, v. 21, n. 22, p. 46-66, 2013.
- FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos avançados**, v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001.

FRIEDMANN, Adriana. O universo simbólico da criança: olhares sensíveis para a infância. **Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.**

FUENTES, João Carlos. Super Heróis e outros mitos modernos: Aplicação pedagógica para reflexões filosóficas e formação ético-moral de jovens e crianças. **Revista do NESEF**, v. 6, n. 1, 2018.

GOMES, Vinícius Romagnolli Rodrigues; DE ANDRADE, Solange Ramos. Mitos, Símbolos e o Arquétipo do Herói. **Iniciação Científica CESUMAR**, v. 11, n. 2, 2009.

GOMES, Vinícius Romagnolli Rodrigues; ANDRADE, Solange Ramos de. Um retorno aos mitos: Campbell, Eliade e Jung. **Revista Brasileira de História das Religiões-ANPUH-Maringá (PR) v**, v. 1, 2009.

JUNG, Carl G. O Homem e seus Símbolos. **Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.**

LARANJEIRA, Gisele Cristina; DE CAMARGO BERNARDO, Hebe. A criança no papel de herói. **Revista Educação-UNG-Ser**, v. 6, n. 2, p. 74-87, 2011.

MARCOLINO, Suzana; DE BARROS, Flávia Cristina Oliveira Murbach; MELLO, Suely Amaral. A teoria do jogo de Elkonin e a educação infantil. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 18, n. 1, p. 97-104, 2014.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação, Porto Alegre**, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORAIS, Grinaura M. D. **A identificação e a construção do conceito de herói a partir do olhar discente.** Doutorado – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2004.

MUNARIM, Iracema et al. **Brincando na escola: o imaginário midiático na cultura de movimento das crianças.** 2007.

PERGHER, Giovanni Kuckartz et al. Memória, humor e emoção. **Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 28, n. 1, p. 61-68, 2006.

POMINI, Izabela C. S.; OLIVEIRA, Priscila G. De; QUEIROZ, Shirley T. D. P.; OLIVEIRA, Andrea O. De. As representações do mito do herói nos contos de fadas. **Revista Científica Univiçosa**, v. 9, n. 1, Viçosa-MG, Janeiro/Dezembro, 2017.

RODRIGUES, Marina Lara; FAGALI, Eloisa Quadros. Era uma vez... um medo que não queria ir embora: o uso do conto na intervenção psicopedagógica infantil. **Construção psicopedagógica**, v. 25, n. 26, p. 57-69, 2017.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2003.

SAURA, Soraia Chung. O imaginário do lazer e do lúdico anunciado em práticas espontâneas do corpo brincante. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 28, n. 1, p. 163-175, 2014.

SELEPRIN, Maiquel José. O mito na sociedade atual. **Educadores dia a dia**, 2016.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Dados em Big Data**, v. 1, n. 1, p. 23-42, 2017.

**SITE DA BBC NEWS – BRASIL:** [bbc.com/portuguese/geral-51228582](https://www.bbc.com/portuguese/geral-51228582)

**SITE DO GOVERNO DO BRASIL – SAÚDE:** [coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid](https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid) (site do Governo do Brasil – Saúde, 2020).

**SITE DA INFOESCOLA:** <https://www.infoescola.com/empresas/marvel-comics/>

SOUZA, Dionis Soares de et al. As crianças e seus heróis: considerações sobre dinâmicas do self dialógico no desenvolvimento infantil. 2016.

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. **Nau Literária**, v. 4, n. 1, 2008.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei. **Os super-heróis das histórias em quadrinhos como recursos para a promoção de resiliência em crianças e adolescentes em situação de risco**. 2017.

WILKINSON, Philip; PHILIP, Neil. **Mitologia**. Espasa, 2008.

## ANEXOS

### Anexo 1

#### CARTA DE AUTORIZAÇÃO À INSTITUIÇÃO “ [REDACTED] ” DE LIMEIRA

Campinas, 17 de abril de 2019.

Prezada Sr.<sup>a</sup> [REDACTED]

Eu, Ana Flávia Coelho Soffiati, venho por meio desta, pedir autorização para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado “O IMAGINÁRIO DO HERÓI COM CRIANÇAS DE 6 A 8 ANOS”, sob supervisão da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elaine Prodócimo, docente da Faculdade de Educação Física – FEF/Unicamp. Trata-se de uma pesquisa que objetiva trabalhar o conceito de Herói com crianças de 6 a 8 anos, além do ensino de valores. Os procedimentos metodológicos serão separados em: (a) proposta de intervenção, com a realização de aulas participativas para os alunos de 6 a 8 anos matriculados na Instituição envolvendo práticas de jogos em geral, serão realizados registros em diário de campo, filmagens, fotografias e audios; (b) análise, a qual será feita após o desenvolvimento da proposta a partir dos diários de campo e demais registros. Definimos como critérios de escolha dos participantes: (i) estar regularmente matriculado na Instituição [REDACTED]; (ii) ter idade entre 6 e 8 anos; (iii) concordar com os aspectos éticos apresentados, que constará de Termos de Consentimento Livre e Esclarecido destinado aos pais ou responsáveis pelo menor. Para maiores informações, segue em anexo o projeto de pesquisa.

Solicito autorização para realização da pesquisa, sendo assegurados os seguintes requisitos:

- O cumprimento das determinações éticas da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.
- O cumprimento das determinações éticas da Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016.
- O pai e/ou mãe ou responsável responderá ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) autorizando ou não a participação de seus filhos na pesquisa. Os alunos responderão ao Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), que

esclarece todos os direitos dos respondentes e autoriza ou não sua participação na pesquisa.

- A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa.
- Não haverá nenhuma despesa para a instituição e participantes que seja decorrente da participação nesta pesquisa.
- No caso de não cumprimento dos itens acima, há a liberdade de retirar a anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

Na expectativa de contar com a colaboração desta Instituição, agradeço antecipadamente sua atenção, ficando a disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários. Declaro que, ao final da pesquisa, será entregue um relatório final do estudo, para que fique ciente de todos os resultados obtidos. Para maiores esclarecimentos, deixo os contatos:

Ana Flávia Coelho Soffiati – Faculdade de Educação Física (FEF) – Unicamp  
Fone: (19) 983933043 e-mail: [ana.sofft@yahoo.com.br](mailto:ana.sofft@yahoo.com.br)

Elaine Prodócimo (Professora Orientadora do Projeto de Pesquisa) FEF – Unicamp  
Fone: (19) 35216762 e-mail: [elaine@fef.unicamp.br](mailto:elaine@fef.unicamp.br)

Comitê de Ética – Faculdade de Ciências Médicas (FCM) – Unicamp Fone: (19)  
35218936

Atenciosamente,

Dr<sup>a</sup> Elaine Prodócimo  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> da Faculdade de Educação Física (FEF) – Unicamp  
Pós-graduação em Educação Física.  
Área de Concentração Educação Física e Sociedade

Graduanda Ana Flávia Coelho Soffiati

Assinatura do(a) representante da Instituição 

## Anexo 2

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Título da pesquisa: O IMAGINÁRIO DO HERÓI COM CRIANÇAS DE 6 A 8 ANOS**

**Nome dos responsáveis:** Ana Flávia Coelho Soffiati e Elaine Prodócimo

**Número do CAAE:** 15169919.4.0000.5404

Pai e/ou Mãe ou responsável, seu filho(a) ou menor pelo qual é responsável está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com as pesquisadoras. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

#### **Justificativa e objetivos:**

Esta pesquisa apresenta aulas de campo, as quais são parte componente do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), de responsabilidade da graduanda Ana Flávia Coelho Soffiati, sob orientação da Professora Dra. Elaine Prodócimo da Universidade

Estadual de Campinas (Unicamp), que tem como objetivo explorar o conceito de Herói com crianças entre as idades de 6 e 8 anos e verificar suas representações sobre o assunto.

A pesquisa é qualitativa-descritiva, na qual a pesquisadora dará aulas de cunho participativo por meio de jogos e brincadeiras para uma turma de crianças de idades entre 6 e 8 anos e realizará registros por meio de diário de campo, filmagens, fotografias e gravações de áudio das experiências e vivências obtidas nas aulas. Seu filho(a) ou menor pelo qual você é responsável participará das aulas e poderá ter sua imagem/identidade coletada(s) pelos registros de campo para posterior análise.

### **Procedimentos:**

Participando do estudo seu filho(a) ou menor pelo qual você é responsável, participará das aulas com conteúdo referente à temática do Herói, as atividades desenvolverão: (i) trabalhos em grupo entre os colegas de turma; (ii) expressões de opiniões e ideias próprias sobre os assuntos desenvolvidos em aula, as quais serão registradas em filmagens, fotografias e gravações de áudio e; (iii) práticas corporais conduzidas de acordo com o tema central das aulas. Os dados desta pesquisa serão armazenados em mídia digital (arquivos de vídeo, áudio e documento em disco rígido) pelo período de 5 anos após o final da pesquisa, de acordo com a Res. CNS 510/16. A pesquisa foi devidamente autorizada pela direção da instituição.

### **Desconfortos e riscos:**

Esta pesquisa implica prejuízos mínimos, assim como riscos mínimos à saúde das pessoas envolvidas, já que os instrumentos utilizados para coleta de dados não são invasivos (aulas participativas e atividades coletivas, expressivas e reflexivas). Cabe ressaltar que: (i) as atividades nesta pesquisa não visam o condicionamento físico; (ii) as atividades envolvem a reflexão ente professora-aluno(a), sendo assim, espera-se que a pesquisa promova uma transformação do/a olhar/percepção das crianças sobre a realidade despertando maiores curiosidades sobre o mundo; (iii) considerando que a pesquisa será registrada por vídeo, foto e voz, pode ocorrer, eventualmente, do(a) seu/sua filho(a) ou menor pelo qual você é responsável sentir algum sentimento de constrangimento mediante a câmera/gravador de voz ou diante da presença do professora-pesquisadora,

caso isso ocorra, todo cuidado será tomado para que o(a) mesmo(a), sinta-se a vontade para a participação nas práticas.

Os eventuais desconfortos ou riscos previsíveis ou passíveis de prevenção serão controlados dentro da proposta da pesquisa pelas pesquisadoras deste estudo. Para evitar algum contratempo, manteremos o nível de interação entre os(as) participantes da pesquisa próximo ao cotidiano da Instituição, como é o caso de rodas de conversa em grupo, reuniões, diálogos individuais em locais confortáveis e arejados.

Seu filho(a) ou menor pelo qual você é responsável **não** deve participar deste estudo se: (i) não estiver regularmente matriculado(a) na Instituição Núcleo Nova Vida da cidade de Limeira; (ii) não ter idade entre 6 e 8 anos; (iii) houver qualquer relato de constrangimento ou desconforto causado pela pesquisa aos participantes.

#### **Benefícios:**

Esperamos que este estudo traga informações importantes sobre o imaginário da criança, o qual pode ser uma pista ancestral-histórica sobre noções e ideias dos quais temos/desenvolvemos sobre a representação do mundo. E, principalmente, almeja-se contribuir na vida das crianças que participarem da pesquisa, desenvolvendo a capacidade criativa e despertando indagações a respeito da realidade que as cercam. As professoras-pesquisadoras se comprometem a divulgar os resultados obtidos, respeitando-se o sigilo das informações coletadas, conforme previsto no item anterior.

Desta forma, os(as) participantes deste estudo poderão enxergar que o conceito de Herói pode abranger desde os heróis dos quadrinhos/cinema até os heróis reais, como pode ser visto em exemplos na sociedade e em pessoas próximas às crianças.

#### **Acompanhamento e assistência:**

A qualquer momento, antes, durante ou até o término da pesquisa, os(as) participantes poderão entrar em contato com as pesquisadoras para esclarecimentos e assistência sobre qualquer aspecto da pesquisa ou sobre danos decorrentes da pesquisa.

#### **Sigilo e privacidade:**

Será realizado registro escrito, de imagens e de vídeo-gravação para posterior análise da pesquisadora. Não serão utilizadas outras formas para obtenção de

informações. Todas as informações e imagens coletadas servirão exclusivamente para fins de pesquisa.

Você tem a garantia de que a identidade de seu(sua) filho(a) será mantida em sigilo e nenhuma informação identificada será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, nenhum nome será citado.

#### **Ressarcimento e Indenização:**

A participação dos(as) envolvidos(as) não terá nenhum tipo de despesa, bem como nada será pago pela participação de seu(sua) filho(a) ou menor pelo qual é responsável, uma vez que, as etapas da pesquisa ocorrerão na própria Instituição e a pesquisadora se deslocará até o local. Todavia, em caso de dano decorrente da pesquisa, você terá a garantia ao direito a indenização quando comprovados nos termos da legislação vigente.

#### **Contato:**

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com os pesquisadores:

-Ana Flávia Coelho Soffiati, Av. Érico Veríssimo, 701 - Cidade Universitária - Departamento de Educação Física e Humanidades (FEF-Unicamp), Campinas - SP, 13083-851, (19) 983933043, ana.sofft@yahoo.com.br;

- Elaine Prodócimo, Av. Érico Veríssimo, 701 - Cidade Universitária - Departamento de Educação Física e Humanidades (FEF-Unicamp), Campinas- SP, 13083-851, (19) 3521-6762, elaine@fef.unicamp.br.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP-CHS) da UNICAMP das 08h30 às 11h30 e das 13h00 as 17h00 na Rua Bertrand Russell, 801, Bloco C, 2º piso, sala 05, CEP 13083-865, Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936 ou (19) 3521-7187; e-mail: cep-chs@reitoria.unicamp.br.

#### **O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).**

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

**Consentimento livre e esclarecido:**

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome \_\_\_\_\_ do(a) \_\_\_\_\_ participante:

\_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

**Responsabilidade do Pesquisador:**

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 510/2016 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

(Assinatura do pesquisador)

### Anexo 3

#### **COMBINADOS ENTRE A PROFESSORA E O ALUNO**

**Título da pesquisa:** O IMAGINÁRIO DO HERÓI COM CRIANÇAS DE 6 A 8 ANOS

**Nome da responsável:** Ana Flávia Coelho Soffiati

**Orientadora:** Elaine Prodócimo

**Número do CAAE:** 15169919.4.0000.5404

ATENÇÃO! Seus pais também vão fazer um combinado com a professora e a equipe do Núcleo Nova Vida para que possam participar da pesquisa, ajudando a melhorar a Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP.

A pesquisa será sobre aprender o que é ser Herói e como cada um de vocês, imaginam o Herói perfeito. Para que isso aconteça: (i) você precisa participar das aulas de Herói com a professora Ana Flávia Coelho Soffiati; (ii) ter 6, 7 ou 8 anos de idade; (iii) estar matriculado(a) na Instituição Núcleo Nova Vida; (iv) e gostar, muito, mas muito mesmo de imaginar, pintar, cantar, dançar, pular e ser feliz!

As aulas poderão ter algumas filmagens, fotos e gravações de voz para ser prova de que a gente teve um tempo juntos e nos divertimos à beça... Mas, se você não quiser ser filmado, tirar foto e ter sua voz gravada, a professora vai entender e não ficará chateada! É só falar com ela. Combinado?

Vamos guardar essas filmagens, fotos e gravações de voz nos nossos computadores, de maneira segura, por um tempo de 5 anos logo depois do fim das nossas aulas de Heróis. Tudo será mantido em segredo, só a professora Ana Flávia Coelho Soffiati e a orientadora Elaine Prodócimo saberão destas informações.

Sua participação na pesquisa ajudará a UNICAMP a se tornar uma escola melhor para os jovens e adultos. E vocês, crianças, poderão se sentir com mais vontade de conhecer o mundo e os seus mistérios depois da última aula.

E, se você tiver qualquer vontade de perguntar, você pode fazer isso para a professora Ana Flávia.

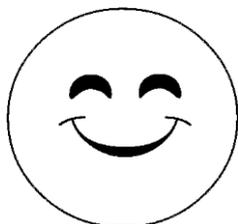
Se você não quiser assinar, você pode levar este combinado para casa, conversar com os seus pais e trazer na próxima aula. Seus pais também assinarão um combinado parecido com este, e eles saberão de tudo o que irá acontecer com você. Queremos que você se sinta o mais seguro e confiante possível.

Muito obrigada,  
(Local e data),

Assinatura da Professora

---

O/A aluno/a concorda que quer participar das aulas de Herói? Pinte a carinha com a resposta



SIM



NÃO